

FACULDADES EST  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

REBECA LAHASS

**HILDEGARD VON BINGEN: A PERSPECTIVA TEOLÓGICA DE UMA MULHER  
NO SÉCULO XII**

São Leopoldo

2021

REBECA LAHASS

**HILDEGARD VON BINGEN: A PERSPECTIVA TEOLÓGICA DE UMA MULHER  
NO SÉCULO XII**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: História das  
Teologias e Religiões  
Linha de Pesquisa: Mulheres na História

Pessoa Orientadora: Prof. Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L183h Lahass, Rebeca  
Hildegard von Bingen : a perspectiva teológica de uma  
mulher no século XII / Rebeca Lahass ; orientador Wilhelm  
Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2021.  
93 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa  
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2021.

1. Hildegarda – Santa - 1098-1179. 2. Mulheres -  
Aspectos religiosos – Cristianismo - História das doutrinas -  
Idade Média, 600-1500. 3. Misticismo. I. Wachholz , Wilhelm  
, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

**REBECA LAHASS**

**HILDEGARD VON BINGEN: A PERSPECTIVA TEOLÓGICA DE UMA MULHER  
NO SÉCULO XII**

Dissertação de Mestrado  
Para a obtenção do grau de  
Mestra em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Área de Concentração: História das  
Teologias e Religiões

Data de Aprovação: 03 de agosto de 2021

PROF. DR. WILHELM WACHHOLZ (PRESIDENTE)  
Participação por webconferência

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MÁRCIA BLASI (EST)  
Participação por webconferência

PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> EDLA EGGERT (PUCRS)  
Participação por webconferência

*Dedico esse trabalho a todas as mulheres  
que vieram antes de mim, às que  
caminham junto comigo e às que ainda  
nem nasceram.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a mim mesma, pela coragem, força, disciplina e persistência para chegar até ao final desta etapa. Este período foi de muita aprendizagem, autoconhecimento e quebra de barreiras. Houve momentos muito difíceis onde eu queria desistir de tudo ou em que me inferiorizava e via como uma “pequena mulher, frágil e iletrada” tal como a própria Hildegard von Bingen se enxergava. Mas por outro lado, foi um período de grande amadurecimento, aprendi a me amar e descobri que quando desejamos algo grande, o trabalho tem de ser redobrado também; aprendi a respirar conscientemente, a estar presente e aproveitar as alegrias do caminho. E por isso agradeço também ao meu marido, companheiro, melhor amigo, Felipe Baierle, que esteve desde o início junto comigo e me amparou dos primeiros aos últimos passos dessa jornada. Felipe foi sempre a força extra que nos dias de desesperanças estava ali me jogando para cima, aconselhando, amando e nos dias bons esteve sorrindo ao meu lado e festejando as pequenas vitórias. Agradeço à minha família que torceu por mim, mesmo nas minhas maiores loucuras; aos amigos e amigas que são a minha recarga de energia e que também me ajudaram a não deixar a “peteca cair”, mesmo em meio à pandemia. E, finalmente, agradeço à Faculdades EST, que abriu as portas para que esta pesquisa se realizasse, especialmente ao meu orientador e parceiro de trabalho Prof. Dr. Wilhelm Wachholz, à querida e inspiradora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marcia Blasi, ao amigo Prof. Dr. Marcelo Ramos Saldanha, à Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edla Eggert que prontamente se dispôs a fazer parte da banca e trazer seu ponto de vista sobre esta pesquisa à qual me dediquei de corpo e alma. Da mesma forma agradeço ao Programa de Gênero e Religião que me incentivou a ser pesquisadora, aos grupos de pesquisa História do Cristianismo na América Latina e ao Núcleo de Pesquisa de Gênero que foram espaços importantes para compartilhar ideias, anseios, dúvidas e risadas, bem como à CAPES que financiou minha subsistência enquanto pesquisadora.

Gratidão!

*Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.*

Clarisse Lispector

## RESUMO

A seguinte pesquisa visa abordar a história de vida da monja/abadessa beneditina Hildegard von Bingen e sua obra primogênita *Scivias* a fim de entender a perspectiva teológica de uma mulher no século XII. Nessa intenção, serão descritos primeiramente a biografia da monja, o significado de mística para a mulher medieval, o contexto geográfico, cultural, político e religioso daquela sociedade e o lugar que pertencia a mulher. Posteriormente, serão apresentadas as seis primeiras visões da obra *Scivias* referentes ao Criador e à Criação com a finalidade de apontar perspectivas teológicas do pensamento hildegardiano, que é uma reflexão religiosa feminina na Idade Média.

**Palavras-chave:** Hildegard von Bingen; mulher; teologia mística; Idade Média.



## **ABSTRACT**

The following research aims to address the life story of the Benedictine nun/abbess Hildegard von Bingen and her first work Scivias in order to understand the theological perspective of a woman in the 12th century. In this intention, the biography of the nun, the meaning of mysticism for the medieval woman, the geographic, cultural, political and religious context of that society and the place that belonged to the woman will be described. Subsequently, the first six visions of the work Scivias referring to the Creator and the Creation will be presented in order to point out theological perspectives of Hildegardian thought, which is a feminine religious reflection in the Middle Ages.

**Keywords:** Hildegard von Bingen; woman; mystical theology; Middle Ages.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
<b>2 HILDEGARD VON BINGEN</b> .....	<b>23</b>
<b>2.1 A HISTÓRIA DE VIDA DA MONJA BENEDITINA DE BINGEN</b> .....	<b>23</b>
<b>2.2 AS GRANDES OBRAS</b> .....	<b>30</b>
<b>2.3 A ESPIRITUALIDADE: MÍSTICA, PROFETIZA, FILÓSOFA E TEÓLOGA</b> ....	<b>32</b>
<b>2.3.1 A ordem beneditina: a vida em um mosteiro e a Regra de S. Bento</b> ..	<b>32</b>
<b>2.3.2 Os mosteiros femininos</b> .....	<b>36</b>
<b>2.3.3 Mística: o caminho das mulheres medievais</b> .....	<b>41</b>
<b>2.4 A SOCIEDADE NA IDADE MÉDIA</b> .....	<b>48</b>
<b>2.5 AS MULHERES: AS PRODUTORAS DO MEDIEVO</b> .....	<b>52</b>
<b>2.6 A IGREJA</b> .....	<b>55</b>
<b>3 O SCIVIAS – CONHECE OS CAMINHOS DO SENHOR</b> .....	<b>59</b>
<b>3.1 OCRIADOR E A CRIAÇÃO</b> .....	<b>61</b>
<b>3.1.1 Deus entronizado mostra-se a Hildegard</b> .....	<b>61</b>
<b>3.1.2 A criação e a queda</b> .....	<b>64</b>
<b>3.1.3 O universo e seu simbolismo</b> .....	<b>69</b>
<b>3.1.4 A alma e o corpo</b> .....	<b>74</b>
<b>3.1.5 A Sinagoga</b> .....	<b>79</b>
<b>3.1.6 Os coros dos anjos</b> .....	<b>82</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>91</b>

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização dos mosteiros de Rupertsberg e Eibingen .....	40
Figura 2 - Aquele que está entronizado .....	62
Figura 3 - A queda da humanidade .....	65
Figura 4 - O universo.....	71
Figura 5 - Corpo e alma .....	75
Figura 6 - A alma e seu tabernáculo .....	76
Figura 7 - A Sinagoga .....	80
Figura 8 - Os coros dos anjos .....	83

## 1 INTRODUÇÃO

A Idade Média foi um período na história humana que negligenciou as capacidades da maioria das mulheres. Foi a pouco tempo que começamos a perguntar onde estava a mulher nos tempos antigos. Será que ela não existiu? Que tipo de papel exerceu?

Pois bem, a verdade é que a história de algumas mulheres, que tiveram maior destaque, foi ocultada. Segundo Pernoud, a decadência da mulher acontece paralelamente à ascensão do direito romano<sup>1</sup>, isso quer dizer que, quanto mais a romanização – também apresentada como “processo civilizador”<sup>2</sup> – avançava pela Europa Ocidental, mais limitados ficavam os trabalhos que a mulher podia desempenhar e os espaços que ela podia ocupar.

Antes do direito romano, nas civilizações antigas, a mulher exercia grande parte das atividades junto com o homem (como, por exemplo, ir para a guerra com seu marido). Ambos também construíam conjuntamente a casa onde iam morar depois do casamento. O homem ainda compartilhava a criação dos filhos e das filhas, etc. A mulher cumpria também várias funções na sociedade civil, inclusive como rainhas e senhoras feudais. Quando os homens saíam para guerrear, eram as mulheres que mantinham todas as atividades no feudo funcionando.

Mas, por outro lado, nenhum cidadão ou cidadã tinha muita liberdade na Idade Média, cada pessoa tinha obrigações a cumprir, mesmo sendo da nobreza. Do homem era exigido o cumprimento de sua função militar; ele era obrigado a lutar em guerras para honrar a fidelidade ao seu senhor feudal que, respectivamente servia a um rei; da mulher eram exigidas várias funções que foram ao longo do tempo sendo modificadas e ficaram cada vez mais restritas ao âmbito doméstico.

Assim sendo, para as mulheres que desejavam desenvolver seu intelecto ou, até mesmo, fazer outra coisa que não servir ao seu marido e cuidar de todas as tarefas domésticas, o mosteiro era um caminho normal que proporcionava ampliar seus conhecimentos além do nível comum<sup>3</sup>. Ali podiam aprender a ler e a escrever, por exemplo. Mesmo assim, em meio à ascendência da escolástica, da universidade de Paris, dos teólogos e filósofos (homens) que desenvolveram os métodos

---

<sup>1</sup> PERNOUD, Régine. **Idade Média**: o que não nos ensinaram. Rio de Janeiro: Agir, 1979. p. 79.

<sup>2</sup> GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fonte, 1995. p. 217.

<sup>3</sup> PERNOUD, 1979, p. 84.

teológicos e filosóficos, a mulher é limitada a viver em clausura. Não lhe é permitido argumentar, questionar, nem mesmo criar uma nova perspectiva teológica ou filosófica no século XII. Ela novamente é colocada num ambiente fechado e limitado.

Entretanto, é nesse cenário um tanto caótico que encontramos a figura ilustre de Hildegard von Bingen (1098 – 1179), que nasceu e viveu no século XII, numa época de grandes avanços no ramo do conhecimento intelectual, no que se refere à teologia e à filosofia. Conhecida hoje como monja, abadessa, profetiza, teóloga mística, visionária, filósofa, compositora, médica holística, dramaturga, poetisa e linguista, Hildegard desafiou o poder patriarcal do seu tempo e trouxe uma perspectiva teológica que integra o ser humano à natureza, o macrocosmos ao microcosmos. E, além de trazer uma visão diferenciada da criação, a missão profética de Hildegard vai de encontro com as transgressões dos clérigos do século XII. A monja enxergava que a Igreja precisava de uma profunda reforma, pois as pessoas que deveriam ser ponte entre Deus e o mundo estavam caindo na corrupção da carne humana, e isso a impulsiona mais ainda a usar o seu dom – a visão – para protestar por mudanças. É neste momento, por volta de 1151, que a abadessa começava a descrever o que via e a interpretar o que significavam aquelas visões para a vida real daquele tempo. Assim nasce sua primeira obra: *Scivias – Scito vias Domini: conhece os caminhos do Senhor*. Contudo, o *Scivias* foi somente a porta de entrada para que Hildegard von Bingen obtivesse fama e ficasse conhecida em meio ao clero e à nobreza do século XII. Mais tarde, ela escreve várias outras obras, algumas mais sobre suas visões e outras sobre diferentes assuntos, a saber, medicina holística, música, poesia, etc. Portanto, este trabalho tem como ponto central expor a trajetória de vida desta monja/abadessa e sua perspectiva teológica a partir do primeiro capítulo da obra *Scivias: conhece os caminhos de Senhor*.

Além disso, é necessário investigar o contexto social do século XII e o papel da mulher neste período, pois é recorrente o questionamento: como von Bingen pôde expor suas opiniões em tempos tão remotos? Para responder tal pergunta, descrever-se-á a biografia da beneditina Hildegard von Bingen, uma vez que precisamos conhecer de forma mais íntima a quem nos referimos aqui. Para alcançarmos o segundo objetivo, será exposto o primeiro capítulo da obra primogênita *Scivias*, tal qual se refere à suas visões relativas à Criação e ao Criador.

A partir disto, torna-se viável identificar as perspectivas teológicas e sua relevância para o estudo da teologia.

A pesquisa se viabilizou por meio do estudo bibliográfico a partir de autoras e autores que já publicaram textos relativos à problemática abordada. Bárbara Newman, por exemplo, é uma medievalista pesquisadora de Hildegard von Bingen e possui uma obra bem relevante sobre o feminino na teologia da monja beneditina denominada: *Sister of Wisdom: St. Hildegard's theology of the feminine*; entre outras elaborações, ela escreve também a introdução da versão mais recente da obra *Scivias* de 2015. Além desta autora contemporânea, vamos também nos debruçar sobre outros artigos, teses/dissertações para compor a parte biográfica deste trabalho. Uma autora que considero relevante nominar aqui é Evelyne Sullerot e sua obra chamada: *História e sociologia da mulher no trabalho*. Esta irá nos conduzir por um contexto histórico social do papel da mulher na idade Média bem como obras da medievalista francesa Régine Pernoud. Por fim, vamos usufruir intensamente da obra *Scivias: conhece os caminhos do Senhor*, escrita pela própria Hildegard von Bingen. Esta obra traz as visões descritas em detalhes pela monja e desmiuçadas numa espécie de exegese. A partir da exposição desta obra, será possível compreendermos, mesmo que de forma breve, o pensamento hildegardiano e, assim, identificarmos sua perspectiva teológica.

O *Scivias* é originalmente escrito em latim, porém o texto original foi perdido no bombardeio de Dresden no século XX. Por sorte, haviam fotocópias feitas anteriormente que, mais tarde, foram repassadas para manuscritos a partir de um trabalho intenso feito por freiras de Eibingen<sup>4</sup>. Hoje podemos encontrar o *Scivias* traduzido para diversas línguas, inclusive no português, versão usada nesta pesquisa, embora eu venha também, eventualmente, valer-me da tradução alemã.

Me instiga muito pesquisar sobre as mulheres do passado e quando me deparei com a figura de Hildegard von Bingen fiquei motivada a acessar essa história mais à fundo. Eu, propriamente, não a conhecia e nem imaginava que existisse uma monja que tivesse contribuído tão efetivamente para a teologia, tampouco reunisse tamanho conhecimento um tanto original. O que me inspirou em Hildegard foi sua variada gama de conhecimentos, ela não se deteve em escrever

---

<sup>4</sup> NEWMAN, Bárbara J. Introdução. In: BINGEN, Hildegarda de. **Scivias: (Scito vias Domini):** conhece os caminhos do Senhor. Tradução: Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015. p. 51.

somente sobre teologia, mas embarcou em outros campos. A ênfase na saúde feminina na área da medicina, por exemplo, pode ter sido a primeira vez na história da humanidade que esse tipo de assunto foi tratado formalmente. Me anima muito saber que muitas mulheres se movimentaram em épocas muito mais complexas em questão de visibilidade, direitos, saúde. Mesmo com todas as adversidades foi possível ser notada. Considero extremamente importante esta pesquisa para a teologia e para as futuras teólogas, visto que a maior parte dos escritos teológicos que temos hoje é essencialmente masculina. Portanto, para além de eu estar escrevendo um trabalho, estou também me fortalecendo como mulher multifacetada na figura de Hildegard von Bingen e revelando uma figura a que, por muito tempo, não foi dada a devida atenção.

O primeiro capítulo desta pesquisa está destinado à contextualização do século XII justamente para entendermos em que tipo de mentalidade está inserida a nossa figura central. Princípiei com a biografia da monja beneditina Hildegard von Bingen e a partir daí discorri sobre o seu contexto social e religioso. Procurei compreender também o lugar da mística na vida da mulher medieval e principalmente na vida da abadessa, pois se percebe que essa possui uma forte ênfase na perceptiva teológica da monja. O papel que o feminino ocupa em uma sociedade feudal também vem a ser um ponto relevante para esta pesquisa. Portanto, o primeiro capítulo vem a ser essencial para entender a mulher numa história da qual ela foi excluída tal como todo o contexto que envolve este pequeno período do século XII dentro da Idade Média.

Devido à extensão da obra, esta pesquisa está restrita ao estudo do primeiro livro do Scivias, que se refere ao Criador e à Criação, considerando que é a obra mais importante da visionária. Sendo assim, no segundo capítulo exporei a descrição das seis visões que aparecem nesse livro, assim como a interpretação que Hildegard faz sobre o que viu, com o intuito de identificar qual a perspectiva da monja para a teologia. Finalmente, nas considerações finais, apresentarei uma perspectiva geral do pensamento hildegardiano, apontando fatos interessantes e relevantes para entender o ponto de vista desta mulher medieval.

## 2 HILDEGARD VON BINGEN

Quem afinal é essa mulher chamada Hildegard von Bingen? Por onde ela andou? O que fez com que escrevesse tantas coisas e tivesse tanta força para atuar no sistema social limitado do século XII?

Hildegard, via de regra, é pouco conhecida pelas igrejas e pela sociedade. Seu nome fica mais popular quando, em 2012, o papa Bento XVI declara Hildegard von Bingen doutora da Igreja Universal<sup>5</sup> por sua santidade e devoção para a Igreja de seu tempo. Até então, somente suas obras musicais tinham alguma estima na liturgia católica.

Muito mais do que apenas uma monja, Hildegard usufruiu de sua posição privilegiada em relação à situação de outras mulheres e colocou uma voz feminina em meio à igreja e à sociedade que eram lideradas majoritariamente por homens naqueles tempos. Além do campo religioso, Bingen operou em outras áreas de conhecimento, como a medicina, e ainda revolucionou a capacidade intelectual da mulher proporcionando uma noção teórica e prática sobre o corpo e a saúde feminina através da simples auto-observação.

Mas, além das suas descobertas biológicas e medicinais, Hildegard também viu que uma vida cristã de verdade não cabia dentro das paredes grossas e frias de um mosteiro. Ela possuía uma visão mais ampla da religião e por isso desafiava o poder patriarcal saindo para pregar em público nas ruas e nas praças para que todas as pessoas pudessem ter acesso a Cristo e à sua verdade. Hildegard sabia que Deus se encontrava principalmente na pobreza das ruas e na simplicidade camponesa.

### 2.1 A HISTÓRIA DE VIDA DA MONJA BENEDITINA DE BINGEN

Hildegard von Bingen nasceu em 1098, em Bermersheim/Alemanha, sendo filha do nobre casal Mechtilde e Hildebert. Ela veio ao mundo em meio ao caos que

---

<sup>5</sup> PAPA, Bento XVI. **Carta Apostólica**: Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento, é proclamada Doutora da Igreja universal. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20121007\\_ildegarda-bingen.pdf](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.pdf). Acesso em 22 abr. 2020.



se instalava com a primeira cruzada de reconquista da Terra Santa convocada pelo Papa Urbano II. Sendo a décima filha de uma família nobre, entrou para o mosteiro beneditino de Disibodenberg aos oito anos de idade, onde ficou sob a tutela da abadessa Jutta von Sponheim que passou a ser sua mãe dali em diante. Com Jutta, a pequenina aprendeu a realizar tarefas simples do mosteiro como manter silêncio, orar, limpar, também recebeu ensinamentos sobre ervas e plantas medicinais, mas, principalmente, sobre música, os salmos e a liturgia. Logo desenvolveu a habilidade de tocar o decacordo, instrumento com o qual acompanhava os cantos litúrgicos<sup>6</sup>, já que as monjas faziam devocionais todos os dias cantando os salmos. Hildegard aprendeu a ler, mas não a escrever, “não lhe ensinaram a interpretação das palavras, nem a divisão das sílabas, nem o estudo de casos e tempos”<sup>7</sup>. Jutta teria dado mais atenção para a leitura do que para a escrita. Posteriormente, na elaboração de seus livros, Hildegard teve a ajuda de Volmar, professor, amigo, conselheiro e monge da abadia de Disibodenberg.

Aos catorze ou quinze anos de idade, Hildegard decidiu entrar de vez para a vida religiosa passando pelo o ritual do hábito – dali em diante ela estava oficialmente subordinada, até a sua morte, à vida monástica e reclusa beneditina.

Com o falecimento de Jutta, em 1136, Hildegard assumiu como abadessa das monjas no mosteiro e a partir dali começou a jornada que marcou seu nome e sua história na Idade Média até os dias atuais. Hildegard já tinha visões desde os três anos de idade, mas o dom profético somente se revelou mais fortemente aos quarenta anos quando ela começou a registrar o que via para perseguir a justiça divina, visto que a monja se entendia como uma intermediadora da vontade de Deus. A partir desse chamado profético, a visionária iniciou a elaboração de sua primeira obra, o Scivias – conhece os caminhos do Senhor, originalmente, Scito vias Domini.

Supõe-se que Hildegard foi relativamente privilegiada por viver em uma época onde mulheres nobres ou ligadas ao clero ainda tinham certa voz. Isso permitiu que ela escrevesse livros<sup>8</sup>, trocasse cartas com clérigos, papas, monges e inclusive com imperadores que a viam com grande admiração.

---

<sup>6</sup> PERNOUD, Régine. **Hildegard de Bingen**: a consciência inspirada do século XII. Rio de Janeiro: Rocco, 1996. p. 13-14.

<sup>7</sup> PERNOUD, 1996, p. 14.

<sup>8</sup> É claro que seus escritos passaram pela análise dos homens antes de poder continuar a realizar suas obras.

Ao que transparece em sua biografia, Hildegard von Bingen não se sentia mais importante do que outras pessoas por possuir um dom profético. Tampouco via esse dom como um fardo. Pelo contrário, a abadessa aceitou sua condição, pois “ela narra, não anseios místicos, temporários ou um senso precoce de vocação, mas, antes, um temperamento peculiar que a condenou a problemas de saúde crônicos”<sup>9</sup>. Hildegard viveu toda sua vida com esse problema de saúde, que quase a levou à morte por diversas vezes, o que fez com que ela também estudasse sobre medicina e escrevesse algumas obras dedicadas à saúde humana, como o *Causae et Curae* ou *Causas e Curas*. Segundo revelações de estudiosas, Hildegard sofria de “escotoma cintilante”, uma espécie de enxaqueca crônica. Isto, porém não a impediu de ter uma vida ativa que perdurou até os oitenta e um anos<sup>10</sup>.

Hildegard levou muito tempo até entender, de fato, que suas visões eram divinas. Ela jamais se induzia as essas experiências. Pelo contrário, elas vinham quando ela estava “plenamente vigilante de mente e corpo”<sup>11</sup>, inclusive nas ilustrações de suas visões ela aparece visivelmente acordada como se fosse um caminho que conectasse céu e terra<sup>12</sup>. Como beneditina, a abadessa praticava jejum, ainda que moderado. Tampouco Hildegard passava horas orando. Mesmo tendo visões desde criança, essas eram confusas e somente em 1141 ela assumiu sua vocação profética.

[...] Hildegarda somente as manifestou publicamente depois dos 40 anos, afirmando que não eram de origem humana, mas sim divina, como a voz celeste que lhe disse desde o princípio: “diga e escreva baseando-se não na linguagem do homem, não na inteligência da invenção humana, não sobre a vontade humana de organização, mas te baseando no fato de que vê e ouves isto lá do alto, do céu, das maravilhas de Deus”.<sup>13</sup>

Hildegard tinha plena consciência do seu momento histórico. Ela entendia que esse chamado profético não veio por ela ser merecedora ou um tipo diferente de ser humano divino e iluminado, mas veio porque “os tempos eram desesperados”<sup>14</sup>.

---

<sup>9</sup> NEWMAN, 2015, p. 25.

<sup>10</sup> NEWMAN, 2015, p. 25-26.

<sup>11</sup> NEWMAN, 2015, p. 26.

<sup>12</sup> PINHEIRO, Mirtes Emília. **Hildegarda de Bingen: Luz Iluminada pela Inspiração Divina**. João Pessoa, PB: Revista Graphos, 2013. p. 2. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/16319/9348>. Acesso em: 20 nov. 2020.

<sup>13</sup> PINHEIRO, 2012, p. 2.

<sup>14</sup> NEWMAN, 2015, p. 27.

Diferentemente dos historiadores modernos, Hildegarda não via os meados do século XII como um tempo de fervor espiritual e de renovação, mas como uma “época efeminada”, na qual as Escrituras eram negligenciadas, o clero “morno e indolente” e o povo cristão mal informado. Sua missão, pois, era fazer com seu carisma profético o que os clérigos profissionais não conseguiam fazer com o carisma sacerdotal deles: ensinar, pregar, interpretar as Escrituras e proclamar a justiça de Deus<sup>15</sup>.

Hildegard entendeu seu chamado profético não como algo que vinha para sua promoção, mas como convocação divina para intervir no curso da história, para alertar e apontar o que estava acontecendo de errado e que não condizia com o que estava nas Escrituras. Nesse sentido, as suspeitas de que a monja usava suas visões para opinar sobre a doutrina da Igreja ou para expor sua posição política, são grandes<sup>16</sup>.

Enquanto ainda estava sendo escrita, a obra *Scivias* ficou famosa por intervenção de Volmar e do bispo Henrique de Mogúncia chegando assim aos ouvidos do Papa Eugênio III, que se interessou em lê-la. Mesmo inacabada, a aprovou diante dos demais bispos, enviando uma carta de saudação para Hildegard<sup>17</sup>. No século XII, as mulheres tinham pouca estima frente às organizações de liderança, visto que muitos homens ainda não as aceitavam nem como dignas da vida religiosa. Por isso, a aprovação papal era um grande momento para uma obra teológica escrita por uma mulher. Temos que ter em mente que, durante toda sua vida, Hildegard teve de lutar, argumentar e se submeter aos poderes masculinos. Podemos presumir que sua trajetória não foi de apenas “flores e mel”, ou seja, não foi fácil e agradável. Este selo de aprovação papal “aumentou a confiança e a segurança de Hildegarda diante de sua contínua autodesconfiança”<sup>18</sup>, ainda mais que, na visão dos homens, ela estava infringindo as Escrituras deuteropaulinas que eram claras quanto ao silêncio e à submissão das mulheres em espaços públicos e principalmente na Igreja.

Contudo, Hildegard tinha uma visão diferente sobre a atuação das mulheres na igreja. Ela via o trabalho feminino positivamente, ainda que com uma função

---

<sup>15</sup> NEWMAN, 2015, p. 27.

<sup>16</sup> EGGERT, Edla; PINHEIRO, Mirtes Emília. Hildegarda de Bingen: as autorias que anunciam possibilidades. In: PACHECO, Juliana (Org.). **Filósofas**: a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre, RS: Fi, p. 84-103, 2016. p. 91, 93.

<sup>17</sup> NEWMAN, 2015, p. 28.

<sup>18</sup> NEWMAN, 2015, p. 28.

contemplativa e não clerical<sup>19</sup>. Mesmo assim, a abadessa defendia as mulheres em um tempo em que elas eram pouco prestigiadas, podendo assim ser considerada uma das “precursoras no resgate desse papel feminino na sociedade medieval”<sup>20</sup>.

A certa altura, Hildegard recebe outro chamado através de uma visão, desta vez, encorajando-a a se retirar do mosteiro onde residia com suas freiras. Este movimento não foi fácil, pois o abade líder do mosteiro de Disibodenberg não permitia que ela fundasse um mosteiro em outro lugar, principalmente porque infringia uma das grandes regras beneditinas quanto a permanência, por toda a vida, no mosteiro em que a pessoa fez os votos. O cume, que fez com que a abadessa deixasse o mosteiro de uma vez, foi a fatalidade da gravidez de uma de suas freiras que acabou com suicídio da moça.

Com a ajuda de suas ligações familiares, da nobreza local e do papa, Hildegard saiu do mosteiro de Disibodenberg partindo em direção às ruínas de um antigo mosteiro carolíngio em Rupertsberg, nas redondezas de Bingen, onde, em 1152, sua nova igreja monástica, de São Ruperto, foi consagrada<sup>21</sup>. Dali em diante,

ela trabalhou para estabelecer a disciplina monástica ensinando e pregando; obteve dons e legados para tornar sua comunidade financeiramente segura; lutou por um alvará de independência de São Disibod; e estimulou o culto ao seu patrono, São Ruperto, ao escrever sua *vita*.<sup>22</sup>

Assim, podemos afirmar que a vida de Hildegard mudou, ela gozou de um pouco de paz e pôde se dedicar exclusivamente à elaboração de suas obras, ao cuidado e à orientação de suas freiras e à manutenção de seu mosteiro. A abadessa de Bingen escreveu um comentário sobre o credo atanasiano para instruir suas freiras, bem como uma sinfonia que passou a ser diariamente cantada nas liturgias do mosteiro<sup>23</sup>. Criou também uma nova língua chamada ignota, a fim de proporcionar às freiras de seu mosteiro intimidade e segurança, visto que somente elas aprendiam essa língua.

Com a vida estabilizada no mosteiro de Rupertsberg nasceram então: O livro de medicina simples, que “resume a ciência natural da sua época em formato

---

<sup>19</sup> PINHEIRO, 2012, p. 5.

<sup>20</sup> PINHEIRO, 2012, p. 5.

<sup>21</sup> NEWMAN, 2015, p. 29.

<sup>22</sup> NEWMAN, 2015, p. 29.

<sup>23</sup> NEWMAN, 2015, p. 29.

enciclopédico lógico”<sup>24</sup>, aparentemente, com um volume complementar chamado *Causas e Curas*; e

quatro livros sobre animais, dois sobre ervas e árvores, e três sobre pedras preciosas, metais e “elementos” combinam uma riqueza de observação empírica com observações médicas a respeito das propriedades benéficas e venenosas das criaturas, simbolismo moral pertencente ao gênero dos tradicionais bestiários e amuletos mágicos a serem usados na cura.<sup>25</sup>

Em 1158, Bingen resolveu seguir para novas direções e saiu por cinco anos a peregrinar fazendo excursões. Viajou ao longo dos grandes rios alemães, passando por inúmeros mosteiros, fazendo sermões. Mais tarde, esses mosteiros pediram para que ela transcrevesse esses sermões. Naquele tempo, outra obra estava sendo composta baseada em suas experiências como diretora espiritual que se chama *O livro dos méritos da vida*. Este livro “versa sobre psicologia moral e penitência no contexto de uma abrangente visão cristológica”<sup>26</sup>.

Aos que possam pensar que Hildegard era uma pessoa tranquila, cabe dizer que estão enganados. Ela batalhou muito para manter seus princípios e dificilmente deixou-se transgredir. Isso se mostra quando sua freira preferida, Richardis, é convocada para assumir como abadessa em Bassum. Hildegard contestou essa convocação, tentou convencer Richardis a não aceitar, buscou ajuda com o papa, mas nada adiantou e a freira seguiu para Bassum. Desta forma, Hildegard, profundamente insatisfeita com o ocorrido, rompeu relações com sua freira amada e somente no leito de morte de Richardis a monja demonstrou compaixão. Esse lado, quase grosseiro, também vem à tona quando ela ironiza clérigos corruptos que Deus escolheu em comparação a ela, uma criatura inferior, para ser sua porta-voz<sup>27</sup>. Outro caso é que, embora ela tivesse se tornado conselheira do então imperador Frederico Barba-Roxa, a monja se opôs a ele quando, em 1168, este nomeou pela terceira vez um antipapa<sup>28</sup>. O motivo da recusa foi que Hildegard não permitiria “que suas lealdades fossem ditadas por interesses políticos pessoais”<sup>29</sup>. Essa postura também

---

<sup>24</sup> NEWMAN, 2015, p. 30.

<sup>25</sup> NEWMAN, 2015, p. 30.

<sup>26</sup> NEWMAN, 2015, p. 32.

<sup>27</sup> EGGERT; PINHEIRO, 2016, p. 93-94.

<sup>28</sup> Um antipapa é uma pessoa que reclama o título de Papa, em oposição a um Papa legitimamente eleito, ou durante algum período em que o título estava vago. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antipapa>. Acesso em: 30 jun. 2021.

<sup>29</sup> NEWMAN, 2015, p. 33.

permaneceu em uma polêmica carta que ela escreveu aos cátaros<sup>30</sup>, em 1163. Portanto, vemos que Hildegard von Bingen tinha princípios muito bem-postos e rígidos dos quais ela não abria mão e que exigiam coragem e determinação tanto quanto inspiração e respaldo divinos<sup>31</sup>.

A última obra visionária escrita por esta monja foi o Livro das obras divinas. “Essa obra [...] apresenta a cosmologia de Hildegard e suas visões mais maduras da história e da escatologia”<sup>32</sup>. Logo que foi terminada, seu amigo Volmar faleceu e foi substituído por outro monge que escreveu a sua *vita* e, mais tarde, por outro monge que se inspirava e se fascinava com os escritos de seu ídolo. Hildegard faleceu em 17 de setembro de 1179, em Rupertsberg.

Em algum momento da história, não se sabe quando, foi beatificada; em 1324 foi venerada pelo papa João XXII; em 1584 foi canonizada pelo papa Gregório XIII; e hoje possui uma festa litúrgica em sua homenagem e um templo em Eibingen, na Alemanha. Em 07 de outubro de 2012 Bingen foi proclamada Doutora da Igreja por sua santidade pelo papa Bento XVI.

Nos dias atuais há a herança da memória e os estudos desta ilustre mulher para que se possa entender sua perspectiva e trazer seu conhecimento para o nosso tempo. Apesar de Hildegard ainda ter pouca consideração e de ser, praticamente, nunca citada nos meios teológicos, históricos e filosóficos, as mulheres que descobrem sua trajetória se veem inspiradas por sua veracidade, coragem e espiritualidade. Atualmente veem-se produzir cada vez mais materiais relacionados à Hildegard e seus escritos. Em 2009, foi produzido um filme biográfico em sua homenagem chamado *Vision – Aus dem Leben der Hildegard von Bingen*, produzido e dirigido por Margarethe von Trotta, produtora alemã. Este pode ser encontrado legendado em português no YouTube<sup>33</sup>. Há também várias informações sobre a monja em um compilado feito por cientistas feministas da Universidade Federal de Santa Catarina em um projeto chamado *Germina – uma filósofa por mês*<sup>34</sup>.

<sup>30</sup> Grupo considerado herege pela Igreja da Idade Média.

<sup>31</sup> EGGERT; PINHEIRO, 2016, p. 93.

<sup>32</sup> NEWMAN, 2015, p. 34.

<sup>33</sup> CIGONHA, Ramon Fernandez de la. **Visão da vida de Hildegarda de Bingen filme completo legendado**. 2017 (1h 50m 42s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2EH79p\\_YL6Q](https://www.youtube.com/watch?v=2EH79p_YL6Q). Acesso em: 12 mar. 2020.

<sup>34</sup> GERMINA. **Uma filósofa por mês**: página principal. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina 2020. Disponível em: <https://germinablog.wordpress.com/grupo-de-pesquisa-ensino-e-extensao-uma-filosofa-por-mes/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

## 2.2 AS GRANDES OBRAS

Hildegard escreveu muitas obras teológicas, musicais, poéticas, cartas e sermões. Há muito o que se analisar em tudo o que ela registrou. Sua primeira obra escrita, entre 1141-1151, foi uma inspiração dada através de uma visão. O Scivias – Scito vias Domini ou conhece os caminhos do Senhor, que é a sua obra mais importante e hoje a mais conhecida. Este trabalho deu abertura à sua vida de escritora. É composto por vinte e seis visões divididas em três partes/livros. Cada parte com um número diferente de visões, a saber, a parte um contém seis visões; a parte dois contém sete; e a parte três contém as treze últimas. As visões são minuciosamente descritas com um grande apanhado de símbolos e, inclusive, imagens ilustrando cada uma delas (desenhadas pela própria monja). Segundo a autora da introdução das novas versões e traduções do Scivias, “esta obra pode ser abordada a partir de muitos ângulos: é uma proclamação profética, um livro de visões alegóricas, um estudo exegético, uma suma teológica”<sup>35</sup>.

O primeiro livro se chama “O criador e a criação” e assim seguem as visões: 1) Deus entronizado mostra-se à Hildegard; 2) A criação e a queda; 3) O universo e seu simbolismo; 4) A alma e o corpo; 5) A Sinagoga; e 6) Os coros dos anjos. O segundo livro se chama “O redentor e a redenção” e as visões são: 1) O Redentor; 2) A Trindade; 3) A Igreja, Noiva de Cristo e Mãe dos fiéis; 4) A confirmação; 5) As três ordens da Igreja; 6) O sacrifício de Cristo e a Igreja; e 7) O diabo. O terceiro livro denomina-se “A história da salvação simbolizada por um edifício” e seguem as visões: 1) Deus e a humanidade; 2) O edifício da salvação; 3) A torre da prelibação da vontade de Deus; 4) A coluna da Palavra de Deus; 5) O zelo de Deus; 6) O muro de pedra da antiga lei; 7) A coluna da trindade; 8) A coluna da humanidade do Salvador; 9) A torre da Igreja; 10) O Filho do Homem; 11) Os últimos dias e a queda do Anticristo; 12) O novo céu e a nova terra; e 13) Sinfonia dos bem-aventurados. Esta última virou uma peça dramática organizada e dirigida pela própria monja.

Sua segunda obra foi o *Physica* (1151–1158), também chamada de Livro da medicina simples. Trata-se de um manual de filosofia natural e medicina medieval que Hildegard escreveu visando suas próprias experiências quanto à natureza e suas formas de cura. Este livro também fala sobre animais, plantas e ervas, árvores,

---

<sup>35</sup> NEWMAN, 2015, p. 49.

pedras mágicas, os quatro elementos e amuletos de cura. Junto com esta produção, Hildegard escreveu sua terceira obra, que é uma continuação da anterior, *Physica*, denominada *Causae et Curae* (1151-1158) ou causas e curas. Aqui ela fez um compilado de doenças e seus respectivos remédios curadores e trouxe observações quanto à sexualidade humana, embriologia, qualidade do sono e dos sonhos e a influência da astrologia.

A quarta obra foi a *Symphonia harmoniae celestium revelationum* (Symphony of the Harmony of Celestial Revelations), incluindo *Carmina* (Songs) e *Ordo virtutum* (Play of the Virtues), que foram escritas antes de 1158, com alguns acréscimos posteriores<sup>36</sup>. Trata-se de um compilado de setenta sinfonias que Hildegard escreveu junto com liturgias cantadas no mosteiro, bem como uma peça teatral.

A quinta obra é a *Liber vitae meritorum* (1158–1163) ou Livro dos méritos da vida, sendo esta sua segunda obra visionária depois do *Scivias*. Trata-se de um guia moral para viver uma vida em virtude.

A última obra visionária escrita pela abadessa de Bingen chama-se *Liber divinatorum operum* ou *De operatione Dei* (1163–1174), em português seria Livro das obras divinas. Trata-se de visões a respeito do amor de Deus, a caridade e o cosmos na relação com o ser humano. Nesta obra, Hildegard explica como foi que suas visões se tornaram mais claras.

A sétima e, conseqüentemente, a última obra de Hildegard foi a *Epistolae* (1147–1179) ou suas obras epistolares, a saber, são conselhos sobre a vida religiosa, cartas aconselhadoras que ela trocou com autoridades políticas, religiosas, amigos e tantas outras pessoas que se socorreram na pessoa que foi essa mulher.

Ainda há outras obras menores escritas por ela como “*Vita Sancti Disibodi* – Vida de S. Disibod; *Vita Sancti Ruperti* – Vida de S. Rupert; *Expositio Evangeliorum* – Comentário aos Evangelhos; *Explanatio Symboli S. Athanasii* – Comentário à crença de S. Atanásio; *Explanatio Regulae S. Benedicti* – Comentário à Regra Beneditina; *Litterae ignotae* – Língua ignota”<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> GERMINA. **Uma filósofa por mês**: Hildegard de Bingen. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. p. 6. Disponível em: <https://germinablog.files.wordpress.com/2020/06/as-obras-de-hildegarda-de-bingen.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

<sup>37</sup> GERMINA, 2020, p. 11.



## 2.3 A ESPIRITUALIDADE: MÍSTICA, PROFETIZA, FILÓSOFA E TEÓLOGA

Constatamos que Hildegard von Bingen é uma visionária. É a partir das visões que ela desenvolve a notoriedade que chama a atenção de papas, imperadores e pessoas da nobreza e, conseqüentemente, conquista respeito, em meio ao século XII, uma época turbulenta e obscura. Outra questão é que ela, sem dúvidas, é mística, pois as visões são a experiência pela qual Hildegard recorrentemente passa e a partir daí elabora seu ponto de vista teológico.

A espiritualidade da qual Hildegard goza seguramente tem raízes fortes na fé beneditina que desde os oito anos de idade está diariamente presente em sua vida. A humildade e a pobreza de espírito são heranças fortemente beneditinas e, inclusive, são as principais virtudes que se deve conservar para ser uma monja. Por esse motivo, vale a pena conhecer brevemente de onde veio e o que é essa ordem de mosteiros.

### 2.3.1 A ordem beneditina: a vida em um mosteiro e a Regra de S. Bento

O movimento monástico começa praticamente junto com a cristianização do Império Romano, quando algumas pessoas, não satisfeitas com a facilidade que era se tornar uma pessoa cristã, a fim de aprofundar sua espiritualidade e amar mais a Deus, retiraram-se para o deserto e lá se dedicaram a uma vida solitária, de silêncio e oração. Assim, se define a primeira fase do monasticismo. Contudo, este modelo de mosteiro solitário e silencioso era característico do Oriente, onde inclusive surgiram mais tarde os primeiros mosteiros, como o fundado em 323 por Pacômio (292–348), em Tabenese, no Egito; e como outro fundado em 358 por Basílio de Cesareia, em Íbora, na Ásia Menor<sup>38</sup>.

Segundo Dreher, no Ocidente “vigora o ideal da vida em comunidade, posta a serviço da missão e da edificação da Igreja”<sup>39</sup>. O protagonista do movimento

---

<sup>38</sup> FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 79.

<sup>39</sup> DREHER, Martin N. **História do povo de Jesus: uma leitura latino-americana**. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2013. p. 119.

monástico no Ocidente foi Bento de Núrsia com sua Regra que “se tornou a base de todo o monasticismo ocidental”<sup>40</sup>. Em 529, o monge de Núrsia escreve esta Regra para a sua comunidade monástica, que consiste simplesmente em orientações rígidas para viver uma vida em clausura. Esta Regra foi revolucionária para os monges do século VI e tornou Bento o “Pai” dos beneditinos e o mosteiro de Monte Cassino o “monte Sinai Beneditino”<sup>41</sup>.

Por essa razão, o Papa S. Zacarias, em Bula dirigida aos monges de Monte Cassino, no ano 749, escrevia que “é ali que a lei da ordem monástica tem a sua cabeça e principado, onde o escritor da mesma lei, o santíssimo Padre Bento, escrevendo a mesma Regra, a promulgou”. Por sua vez, o Papa Urbano II, em Bula de 1093, dizia que o Cenóbio cassinense devia ser tido sempre, e com razão, como cabeça de todos os mosteiros; de facto, nesse mesmo lugar, do peito de Bento, como que da fonte do Paraíso, jorrou a veneranda religião da ordem monástica.<sup>42</sup>

É perceptível que Bento de Núrsia se tornou muito famoso a partir da sua Regra e, mais importante, é a partir dela que se inicia a primeira e uma das maiores ordens monásticas ocidentais que já existiu e que ainda existe.

A Regra de São Bento, como é denominada pelos beneditinos, é constituída por setenta e três capítulos com instruções práticas que partem desde ter uma alimentação saudável e dormir bem, até pontos mais rígidos como manter total obediência ao abade e permanecer pelo resto da vida no mosteiro onde fez os votos (a não ser que o abade permita a saída)<sup>43</sup>.

A Regra de São Bento inaugura o que vem a se tornar a conduta ética dentro dos mosteiros e é considerada mais humana do que as práticas que vinham sendo utilizadas anteriormente. Bento reconhecia que os monges eram também seres humanos falíveis e poderiam cair em pecado. Por isso, a Regra também era clara em relação à vassalagem ao abade. Caso ocorresse alguma desobediência, os religiosos eram primeiramente repreendidos pelos “decanos”<sup>44</sup>. Se a desobediência permanecesse, eram repreendidos em frente aos outros monges, tendo como último castigo a excomunhão e expulsão da ordem<sup>45</sup>.

<sup>40</sup> DREHER, 2013, p. 120.

<sup>41</sup> DIAS, Geraldo José Amadeo Coelho. **Quando os monges eram uma civilização...beneditinos: espírito, alma e corpo**. Porto: Edições Afrontamento, 2011. p. 20.

<sup>42</sup> DIAS, 2011, p. 20.

<sup>43</sup> DREHER, 2013, p. 120.

<sup>44</sup> Eram os que cuidavam de pequenos grupos de monges no mosteiro, esses tinham proximidade direta com o abade e o dever de garantir a ordem.

<sup>45</sup> DREHER, 2013, p. 120.

A rotina nos mosteiros beneditinos era muito tranquila, ainda que se exigisse disciplina. Aspectos que encontramos também na Regra, que se agregam à rotina, são a ênfase no trabalho, na pobreza e na oração<sup>46</sup>. Eram os próprios monges que cuidavam de todos os afazeres dentro do mosteiro, como lavar as roupas, cozinhar, limpar e plantar. Possuíam também uma rotina de orações e de missas onde acontecia a recitação de Salmos e a leitura das Escrituras<sup>47</sup>. Os monges que adentravam um mosteiro beneditino tinham que abdicar de toda sua vida fora de lá, todos os seus bens passavam a pertencer à ordem; a clausura e o celibato eram essenciais; a vida monástica era totalmente coletiva. Todos os monges sentavam-se em uma mesma mesa durante as refeições. Inclusive o abade. Eles comiam carne apenas em datas especiais, como no Natal (frango) e na Páscoa (peixe)<sup>48</sup>. Outra questão de destaque é que os beneditinos apreciavam o silêncio na maior parte do tempo e que suas vestes eram iguais.

Além do mosteiro beneditino de Monte Cassino, houve outros dois de grande importância na história. O de Cluny, na França, fundado entre 909 e 910 em terras doadas pelo Conde Guilherme de Aquitânia que “exerceu um papel verdadeiramente importante no seio do monaquismo ocidental”<sup>49</sup>. Esse mosteiro teve apenas seis abades e, dentre eles, quatro foram canonizados, a saber, Odão, Odilão, Máio e Hugo<sup>50</sup>. Deles, o que mais contribuiu foi Hugo (1049 -1109), também chamado de Hugo, o Grande. Ao todo foram cinquenta anos de abaciado. Hugo exercia muita influência política por ser padrinho do imperador Henrique IV; fez amizades com outros imperadores, o que possibilitou o ganho de muitas esmolas para Cluny, proporcionando a expansão territorial por todo o Ocidente. Quando Hugo faleceu, havia 1084 casas cluniacenses pela Europa. Foi ele quem mais contribuiu para a reforma gregoriana da Igreja e também fundou um mosteiro feminino para sua mãe e irmã, e agregou outros mosteiros de religiosas a Cluny<sup>51</sup>. Depois de Hugo, o abade de maior sucesso em Cluny foi Pedro Venerável (1122-1156), que fez algumas reformas disciplinares, lutou contra a concorrência de Cister, escreveu um regulamento de “administração do patrimônio monástico com a intenção de

---

<sup>46</sup> DREHER, 2013, p. 120.

<sup>47</sup> DREHER, 2013, p.120.

<sup>48</sup> DIAS, 2011, p. 117.

<sup>49</sup> DIAS, 2011, p. 119.

<sup>50</sup> DIAS, 2011, p. 119.

<sup>51</sup> DIAS, 2011, p. 121-122.

reconduzir os monges a austeridade do seguimento de Cristo<sup>52</sup>. Pedro declarou que, em seu tempo, o mosteiro de Cluny era “o tesouro público da república cristã”<sup>53</sup>.

Dias explica que o sucesso de Cluny deu-se por dois motivos principais: “primeiro, pela sua situação geográfica entre a França e o Império alemão. Segundo, pela categoria excepcional dos primeiros abades (de 909 a 1109) e pela longa duração de seu governo”<sup>54</sup>.

O segundo mosteiro beneditino de grande importância e o principal concorrente de Cluny era o de Cister. Foi fundado em 1098, na Borgonha, com o intuito reformatório, não de construir uma nova vida monástica, mas de retomar o que era a Regra de São Bento na sua literalidade. “Valorizando a pobreza, a austeridade e o trabalho, queriam simplificar todo o teor de vida de Cluny, inclusive no que tocava à liturgia e ao ofício divino.”<sup>55</sup> Portanto, a ordem de Cister veio numa contraposição da de Cluny. Várias foram as figuras que edificaram Cister e o tornaram um mosteiro singular, tais como Bernardo de Fontaine, que veio com mais trinta companheiros, em 1113; depois, Estevão Harding com um “texto legislativo da Carta Caritatis (1119), que, com suas várias redações, compõe uma espécie de ‘constituição’”<sup>56</sup>; e, mais tarde, com a notável presença e ação de São Bernardo de Claraval (1090-1153), que, embora possuísse um certo fanatismo e puritanismo, como se a ordem de Cister fosse a forma mais correta de vida monástica, foi quem concretizou a relevância da ordem para a Igreja Católica.

Os cistercienses só aceitavam adultos, pois acreditavam que a vida monástica requeria responsabilidade e maturidade. Os convertidos também tinham distinção dos monges, sendo aceitos somente a partir de 1116 e vivendo nas terras agricultáveis. Cister, por não aceitar ofertas e presentes em dinheiro, deu grande importância ao trabalho manual, à pecuária e à agricultura<sup>57</sup>. Mais tarde, acabaram caindo na normalidade cluniacense e a única coisa que ainda os distinguia era a veste do hábito branco, enquanto todas as outras ordens beneditinas usavam o preto<sup>58</sup>.

---

<sup>52</sup> DIAS, 2011, p. 123.

<sup>53</sup> DIAS, 2011, p. 123.

<sup>54</sup> DIAS, 2011, p.123.

<sup>55</sup> DIAS, 2011, p.130.

<sup>56</sup> DIAS, 2011, p.130.

<sup>57</sup> DIAS, 2011, p.130-131.

<sup>58</sup> DIAS, 2011, p. 131.

### 2.3.2 Os mosteiros femininos

Os mosteiros femininos surgiram quase junto com os masculinos. Porém, mesmo considerando que a história cristã revela a participação ativa das mulheres na trajetória cristã, o protagonismo feminino foi negligenciado e visto com pouca relevância pela Igreja. Apesar de haver vida monástica feminina, vale anotar que essas ordens estavam, inicialmente, sob o comando de abades homens, pois grande parte dos mosteiros era dúplice, ou seja, homens e mulheres compartilhavam a mesma casa, ainda que não convivessem.

A Regra de São Bento,

[...] não comporta recomendações especiais para a vida religiosa feminina; é uma regra fundamentalmente masculina, mas é bem provável que os mosteiros femininos, que, depois, vão se multiplicar, adotassem e adaptassem a observância beneditina. Aliás, um episódio da vida de S. Bento passa-se com Santa Escolástica, sua irmã, a qual vivia num mosteiro próximo do de S. Bento e a quem ele ia visitar uma vez por ano. O que, desde logo, dá a entender que o exemplo monástico de S. Bento suscitava paralelos femininos.<sup>59</sup>

As mulheres foram introduzidas aos poucos na vida monástica. Um abade construía um mosteiro para sua irmã, outro para sua mãe, outro para a sua amada e assim foram nascendo as abadias femininas, mesmo ainda sendo coligadas às masculinas.

No contexto da época, a entrada em uma instituição religiosa, para as mulheres pertencentes à nobreza, pode ser interpretada de diversas maneiras. Muitas vezes, as jovens eram enviadas por suas famílias para seguir definitivamente a vida religiosa, mas, em outros casos, apenas para que tivessem acesso a uma educação de qualidade, que não lhes seria possível em outros ambientes.<sup>60</sup>

Embora alguns abades entendessem que as mulheres não eram possuidoras e nem dignas de uma vida religiosa, de intelecto e de pureza, vários arriscaram escrever regras e instruções para elas. Um deles foi São Bento de Aniana (780-821),

<sup>59</sup> DIAS, Geraldo J. A. Coelho. **Perspectivas bíblicas da mulher e monaquismo medieval feminino**. Porto: Revista da Faculdade de Letras, 1995. p. 24. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5640>. Acesso em: 20 abr. 2020.

<sup>60</sup> PALAZZO, Carmen Lícia. **Hildegard de Bingen**: o excepcional percurso de uma visionária medieval. *Mirabilia: Electronic Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages*, n. 2, 2002. p. 140. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2226907>. Acesso em: 20 abr. 2020.

que escreveu o *institutio sanctimonialium*, um tipo de diretório para que as mulheres que escolhessem viver canonicamente abdicassem da vida social, ou seja, que fossem viver em um mosteiro, regulando visitas e limitando a propriedade privada<sup>61</sup>. Outro autor, este desconhecido, também escreve o *Speculum Virginum*, que seria um “apanhado da vida monástica feminina”<sup>62</sup>. Neste documento, ele discorre como as monjas e religiosas que optassem por essa vida deveriam se portar.

Estabelecendo a igualdade de todas as mulheres perante Deus, e não só das nobres, admite que as obras do sexo frágil são meritórias, quer impliquem trabalhos físicos, como cozinhar, fazer jardinagem, fiar, tecer, costurar, bordar, quer morais em vista da perfeição. [...] Como objetivo, o autor anônimo apontava a união com Cristo e apresentava Maria como exemplo de maternidade espiritual, que a religiosa deve procurar imitar para que Cristo nasça também dentro de seu coração.<sup>63</sup>

Mesmo depois que as mulheres foram “aceitas” no mosteiro, elas ainda eram vistas como “o sexo frágil” e, ainda que nas Escrituras Sagradas existissem mulheres exemplares e temerosas a Deus, o único exemplo válido era o de Maria. As religiosas eram reféns de uma postura de obediência e suposta aceitação, visto que a imagem de Deus era masculina na imaginação religiosa medieval.

Engana-se quem pensa que os mosteiros femininos são tardios aos masculinos. Os grandes agentes mantenedores destes mosteiros foram rainhas, reis, nobres e bispos, que recrutaram e protegeram essas monjas, garantiram e proporcionaram a manutenção deste monaquismo. Nesse sentido, esses mosteiros ficavam sob a jurisdição do bispo<sup>64</sup>. Contudo, entrar para o mosteiro na Idade Média era um caminho normal para as mulheres que queriam desenvolver seus conhecimentos para além do nível comum<sup>65</sup>. Então, mesmo havendo contras, era uma grande oportunidade para aprender a ler, por exemplo.

Os mosteiros femininos podem ser divididos em quatro tipos ou categorias, a saber: 1) mosteiros autônomos propriamente ditos, que são mosteiros desligados de qualquer poder da sociedade civil, estando somente sob a autoridade do bispo diocesano. Originários de um fundador anônimo que, motivado pelo fervor da vida cristã e a generosidade, lhes deu o nascimento e a garantia de matérias para

---

<sup>61</sup> DIAS, 1995, p. 26.

<sup>62</sup> DIAS, 1995, p. 26.

<sup>63</sup> DIAS, 1995, p. 26.

<sup>64</sup> DIAS, 1995, p. 27.

<sup>65</sup> PERNOUD, 1979, p. 84.

sobreviver. A vida nesses mosteiros era inteiramente comum, organizada a partir de uma regra e do comando de uma abadessa<sup>66</sup>.

Os mosteiros na Idade Média, em sua maioria, eram regidos pela Regra de São Bento, porém, para as mulheres, era difícil se adaptar a uma regra que, em sua essência, é masculina. E disto se dá conta Heloísa, abadessa do mosteiro de Paráclito, quando escreve ao fundador, Abelardo, sua dificuldade quanto à Regra de São Bento para mulheres. Abelardo fornece, então, pontos adaptáveis para as preocupações femininas, como a questão da solidão, vestuário, alimentação, a compreensão e o estudo das Sagradas Escrituras. Os cistercienses fazem o mesmo, adaptando a Regra às suas freiras<sup>67</sup>.

2) Mosteiros dúplices, que nada mais são do que mosteiros em que monges e monjas vivem na mesma casa, sob o comando de um abade (na maioria das vezes) ou abadessa. Houve o surgimento de vários mosteiros dúplices pela Europa e essa foi a principal característica do monaquismo anglo-saxão. Com o passar do tempo, esse tipo de mosteiro foi se tornando cada vez mais raro, sendo que no Concílio Ecumênico de Latrão, em 1139, foi proibida a junção de homens e mulheres no mesmo coro. O mosteiro dúplice mais famoso foi o de Fontevrault, fundado em 1096, por Roberto d'Arbrissel, no qual um exército de mulheres e homens foi comandado por uma abadessa viúva<sup>68</sup>.

3) Os mosteiros familiares foram aqueles que reuniam famílias, servos, servas, vizinhos e vizinhas numa espécie de mosteiro dentro de casa. Para isto, usavam a *regula communis*, que consiste de um costume pseudo-monástico ligado a situações de cisma, heresia e marginalidade da vida cristã<sup>69</sup>. “[...] estes mosteiros familiares eram uma forma dos leigos proprietários procurarem um refúgio seguro e garantido para sua família”<sup>70</sup>.

4) Por último, haviam os mosteiros próprios, que são “mosteiros familiares fundados por senhores feudais, inclusive reis, e pela nobreza local, como coisa de pertença familiar”<sup>71</sup>. Esse modelo monástico era mais uma forma para esses senhores feudais e reis interferirem na vida dos mosteiros, exigindo impostos e estadia quando bem quisessem.

---

<sup>66</sup> DIAS, 1995, p. 28.

<sup>67</sup> DIAS, 1995, p. 28.

<sup>68</sup> PERNOUD, 1979, p. 84-85.

<sup>69</sup> DIAS, 1995, p. 29-30.

<sup>70</sup> DIAS, 1995, p. 30.

<sup>71</sup> DIAS, 1995, p. 31.

Conforme Dias, o monaquismo feminino foi vencido com fé e amor, embora houvesse grandes problemas antropológicos, misóginos, religiosos e culturais<sup>72</sup>. O machismo incorporado ao patriarcado reduziu muitas mulheres à fragilidade, à sujeira (pela menstruação), à incapacidade de exercer qualquer coisa, a não ser pecar e reproduzir, mesmo havendo figuras femininas importantes que entenderam sua dignidade na vida.

Levando em conta a história das beneditinas, é possível compreender o contexto religioso do qual Hildegard von Bingen é advinda. Depois que ela estabeleceu morada em Rupertsberg com suas freiras, pôde se dedicar, além de suas obras, a receber visitas. Muitas pessoas vinham de longe para procurar a cura de suas enfermidades corporais e espirituais, mas houveram outras também que vinham apenas para testar a veracidade da monja. Segundo Pernoud, por meio de seu “espírito profético, ela conhecia os pensamentos e as intenções dos homens, e repelia aqueles que dela se aproximavam com espírito perverso ou frívolo”<sup>73</sup>. É claro que, após a leitura pública de suas visões e a aceitação de seu dom pelo Papa, a fama de Hildegard se espalhou e muitas pessoas duvidaram de sua capacidade. Outro grupo que a procurou para interroga-la foram os judeus, mas como de costume Hildegard responde o que convém a cada pessoa, com doçura e piedade<sup>74</sup>.

Em 1165, Hildegard, com o mosteiro de Rupertsberg já excedendo a capacidade de alojamento de suas freiras, fundou, do outro lado do rio Reno, o mosteiro de Eibingen. Este é o único que ainda existe até hoje, guardando o túmulo da santa Hildegard e os mosaicos que ilustram algumas de suas visões<sup>75</sup>.

---

<sup>72</sup> DIAS, 1995, p. 38.

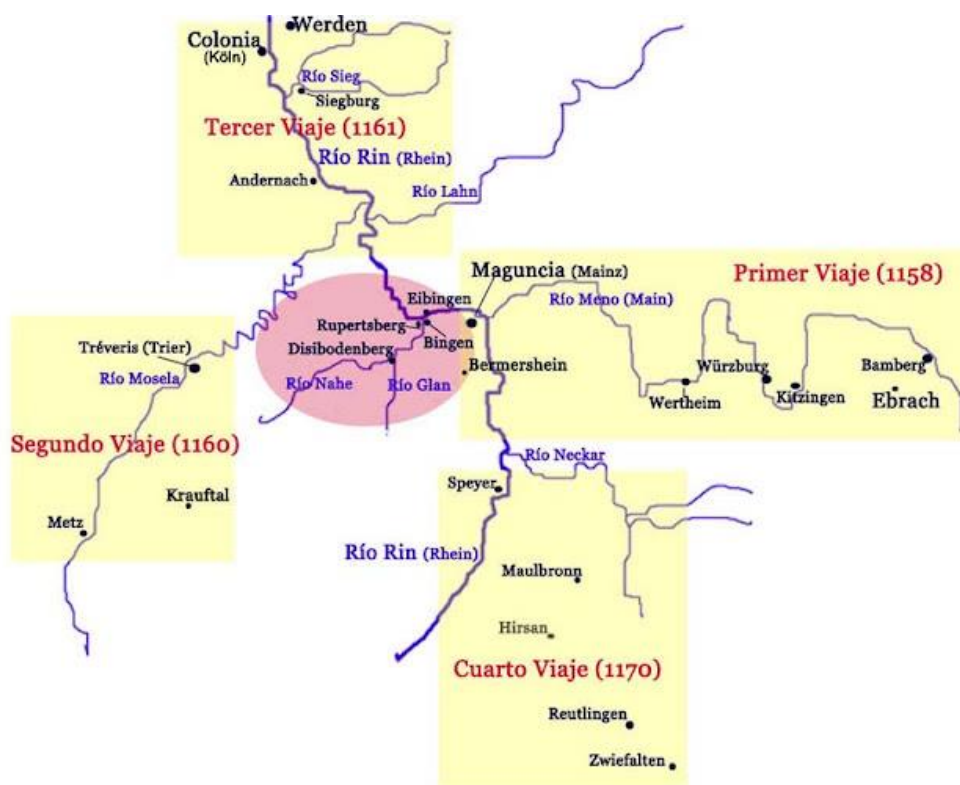
<sup>73</sup> PERNOUD, 1996, p. 47.

<sup>74</sup> PERNOUD, 1996, p. 47.

<sup>75</sup> PERNOUD, 1996, p. 49.



Figura 1 - Localização dos mosteiros de Rupertsberg e Eibingen



Fonte: <https://culturayserenidad.blogspot.com/2020/09/santa-hildegarda-von-bingen.html>. Acesso em 05 out. 2021, 16:27h

A abadessa de Bingen se descrevia como uma “pequena mulher” ou “pobre mulherzinha”<sup>76</sup>, ou seja, ela colocava a si mesma numa postura de humildade o que, por vezes, se pode interpretar como uma submissão. Mas na verdade, os escritos e a postura rígida de resolução de problemas transparecem outra coisa. Segundo a definição de Gebara, “a humildade é uma virtude, uma força, uma acolhida a partir de nossa pequenez (*humilis* = pequeno)”<sup>77</sup> e continua dizendo que “o humilde não é o humilhado”<sup>78</sup>. Notoriamente, Hildegard não se deixava ser humilhada, muito pelo contrário, coragem e força não lhe faltavam quando era necessário se opor aos decretos de superiores, às perguntas e tentativas inconvenientes de difamar sua figura. Deduz-se que essa visão que Hildegard tinha sobre si foi herança de sua fé beneditina que, como vimos anteriormente, carrega a humildade e a pobreza de espírito como grandes virtudes. Nessa perspectiva, posso afirmar que esta

<sup>76</sup> COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Mulheres intelectuais na Idade Média**: Hildegarda de Bingen – entre a medicina, a filosofia e a mística. Marília/SP: Trans/Form/Ação, v. 35, p. 187-208, 2012. p. 189.

<sup>77</sup> GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder**: ensaios feministas. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 52.

<sup>78</sup> GEBARA, 2017, p. 52.

característica da qual Hildegard se referia, existia perante a lei de Deus e não a lei dos homens. Essa postura também se justifica ao ponto em que reforçava a imagem profética da monja em relação aos monges letrados que negligenciavam seu verdadeiro trabalho<sup>79</sup>.

Assim, a monja/abadessa Hildegarda de Bingen pode ser colocada como uma profetisa nos termos dos escolhidos do Antigo Testamento, cuja missão é tida como superior às suas capacidades, mas que, no entanto, ao dizer o sim a Deus, imediatamente se vê imbuída de todos os instrumentos necessários para que se faça ouvir e a fim de que a Palavra seja divulgada e proclamada de acordo com a vontade divina.<sup>80</sup>

Além disso, a abadessa mais famosa do século XII tinha uma opinião independente sobre a vida em um mosteiro, sendo contrária a várias questões que sobrevinham na Igreja e na sociedade como, por exemplo:

Hildegard não conclama por mudança radical das estruturas sociais e eclesiásticas; ela opunha-se ao abuso da autoridade, não à sua natureza. Seu ideal era uma cristandade dentro da qual o poder secular estaria firmemente subordinado ao espiritual, príncipes e prelados reinariam com vigilância e justiça, e os súditos e o povo leigo ofereceriam pronta obediência.<sup>81</sup>

Assim sendo, Hildegard era a favor da hierarquia social e do mérito espiritual. A abadessa foi profundamente criticada por aceitar em seu mosteiro somente moças que pertenciam à nobreza e também por permitir o uso de joias. Em resposta, afirmou que “não se colocariam animais de diferentes espécies no mesmo estábulo, e até mesmo os anjos têm sua hierarquia”<sup>82</sup>. Nota-se, portanto, seu caráter forte como dona do seu mosteiro, que mesmo indo abertamente contra a Regra no que diz respeito à pobreza, segue no cuidado e proteção de suas freiras.

### **2.3.3 Mística: o caminho das mulheres medievais**

Escutar a palavra mística, imediatamente, me leva a pensar em algo misterioso ou um fenômeno sobrenatural num sentido pagão, e claro, nas

<sup>79</sup> EGGERT; PINHEIRO, 2016, p. 93.

<sup>80</sup> EGGERT; PINHEIRO, 2016, p. 90-91.

<sup>81</sup> NEWMAN, 2015, p. 41.

<sup>82</sup> NEWMAN, 2015, p. 41.

denominadas bruxas. Consigo ver mulheres dançando felizes em volta de uma fogueira, cantando juntas, sorrindo alegres, vestidas naqueles trajes camponeses, como nos filmes que retratam a Idade Média. Bem, de certa forma, a mística na Idade Média estava mais para “coisa de mulher” mesmo, enquanto a teologia era “coisa de homem” e se fazia dentro de universidades. Muitas mulheres medievais encontraram na mística um lugar de fala e propriedade, um lugar onde as escutassem, onde elas poderiam conversar sobre teologia e a experiência com Deus sem serem rechaçadas por autoridades masculinas.

Segundo a definição que Teixeira apresenta, a mística é uma experiência que transcende a razão, é emocional, corporal, coração e entranhas. Antes de compreender a mensagem, sentimos e experimentamo-la; antes de poder explicar o que Deus quer dizer, fazemos contato com o que Ele diz. Assim sendo, mística é

[...] uma experiência que integra, em reciprocidade fundamental, as dimensões de anima (feminilidade) e animus (masculinidade) que habitam cada pessoa humana. [...] Há uma “lógica do coração” que transborda a “lógica da razão”.<sup>83</sup>

Edith González Bernal traz a seguinte definição:

Místico é, originalmente, tudo o que tem a ver com o divino oculto sob as formas humanas e mundanas na Bíblia e na liturgia. [...] Mística, num sentido espiritual e teológico, são as verdades inefáveis, profundas e ocultas, próprias de um conhecimento íntimo de Deus (tradução nossa).<sup>84</sup>

Esta afirmação remete à experiência mística de uma forma mais abrangente e adentra a dimensão humana, além da divina. A pessoa não aprecia só a Deus através da experimentação mística, mas a si própria também e, se autoconhecendo, cria a possibilidade de entender o ser humano integralmente. Deste modo, há uma subdivisão que pode ser explorada colocando o conhecimento místico em três categorias.

<sup>83</sup> TEIXEIRA, Faustino. Mística: experiência que integra anima (feminilidade) e animus (masculinidade). In: **O feminino e o mistério**: a contribuição das mulheres para a mística. São Leopoldo: Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, 385 ed., p. 12–17, 2011. p. 12. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao385.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>84</sup> *Místico es, originariamente, todo lo que tiene que ver con lo divino oculto bajo las formas humanas y mundanas en la Biblia y en la liturgia. [...] Mística, en sentido espiritual y teológico, son las verdades inefables, profundas y ocultas, propias de un conocimiento íntimo de Dios.* BERNAL, Edith González. **Místicas medievales**: el rostro femenino de la teología. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, Facultad de Teología, 2017. p. 54.

Primeiro, a mística como conhecimento do amor de Deus: seria o contato com o inefável amor de Deus pelo ser humano, esse que nunca falha e é incondicional. É por amor que Deus concede ao ser humano a entrada para a experiência de conhecê-lo, de experimentar o que Ele é na realidade. Essa *cognitio Dei experimentalis*<sup>85</sup> incide numa teologia negativa, em que se nega a real face de Deus, a saber, se fala dEle a partir do que não é, pois Deus é totalmente diferente do que se consegue explicar. De fato, o conhecimento obtido através da mística é ainda mais amplo, pois também permite ao indivíduo ter “[...] uma percepção especial da situação humana, em que o ser humano pode experimentar de maneira especial o que o sustenta e o determina (tradução nossa).”<sup>86</sup> A experiência mística só pode existir através da condição de abertura do indivíduo à existência e justificada pela qualidade de conhecimento, transitoriedade, inefabilidade e passividade<sup>87</sup>.

A segunda categoria é a mística como experiência do ser humano: nesta direção, ela é uma relação que transforma radicalmente a vida do indivíduo e mostra a este como viver melhor. A experiência mística não pode ser conhecida através de palavras, mas, unicamente, sentida e suportada nas entranhas. “Em outras palavras, a experiência mística é a tomada de consciência, no mais íntimo do ser humano, da habitação de Deus (tradução nossa).”<sup>88</sup> Portanto, esse conhecimento permite ao ser humano se transformar, tomar consciência de sua posição neste mundo, e das pessoas semelhantes. Essa experiência é como uma via de mão dupla onde Deus se mostra e onde o indivíduo se encontra.

Em uma terceira categoria, encontramos a mística em relação com a teologia. Esta é uma característica muito importante para compreender o pensamento hildegardiano. “[...] A teologia foi se desenvolvendo a partir da experiência mística monástica (tradução nossa).”<sup>89</sup> Assim sendo, entre os séculos XI, XII e XIII, este conhecimento é o fazer teológico de monges e monjas dentro do monastério. A partir disto, nascem as escolas de teologia ou a teologia escolástica, que dão destaque a figuras importantes como Bernardo de Claraval, Pedro Abelardo, Ricardo e Hugo de São Vitor. Hildegard von Bingen, apesar de não ter estudado em universidades,

<sup>85</sup> BERNAL, 2017, p. 58.

<sup>86</sup> [...] una percepción especial de la situación humana, en la que el hombre puede experimentar de manera especial lo que lo sostiene y lo determina. BERNAL, 2017, p. 58.

<sup>87</sup> BERNAL, 2017, p. 60.

<sup>88</sup> En otras palabras, la experiencia mística es la toma de conciencia, en lo más íntimo del ser humano, de la habitación de Dios. BERNAL, 2017, p. 61.

<sup>89</sup> [...] la teología se fue desarrollando a partir de la experiencia mística monástica. BERNAL, 2017, p. 63.

relacionou-se com estes teólogos e foi detentora de um vasto conhecimento místico e teológico na perspectiva de uma mulher.

Esses [teólogos e teólogas] oferecem uma teologia que se fundamenta em um método analítico discursivo, iluminada pela fé e pela experiência. “Se delinea a tendência do pensamento cristão da corrente aristotélica, conhecem a *Lógica* e outras obras de Aristóteles através da conexão com a filosofia árabe judia; essa corrente rompeu com a tradição platônico-agostiniana, mais propensa à experiência religiosa e mística” (tradução nossa).<sup>90</sup>

Com a escolástica ganhando espaço no desenvolvimento das universidades, novas questões apareceram para a teologia. O ponto central foi a introdução da filosofia nos estudos teológicos. Assim nasceu um dos principais debates deste período, o diálogo entre a fé e a razão.

No século XII, havia duas correntes principais para a teologia e a filosofia. Uma de origem aristotélica e outra agostiniana com influências neoplatônicas. Na alta escolástica, ambas as correntes se evidenciaram nas argumentações de pensadores e pensadoras. Uma característica entre essas duas correntes, quanto ao conhecimento é que, enquanto a aristotélica defende a ideia de que o conhecimento vem de fora do ser humano, principalmente com as experiências que se acumula; a corrente agostiniana-neoplatônica argumenta que o conhecimento intelectual pode vir de uma iluminação imediata, ou seja, vem do interior do ser humano<sup>91</sup>, de uma experiência mística. Dessa forma, uma é lógica e racional e a outra contemplativa e mística.

As discussões entre fé e razão se transfiguraram no maior debate teológico do século XII, justamente pela influência da filosofia na teologia. Junto com esse debate, surgem as tentativas de construção de métodos teológicos. Pioneiro em ambos os temas, Anselmo de Cantuária tem como ponto de partida para o pensamento teológico “uma fé viva”<sup>92</sup>, ou seja, se a pessoa não crer, não é possível que ela possa compreender. É interessante perceber que já na elaboração do método teológico, Anselmo introduz o debate entre fé e razão. Para ele, “a

<sup>90</sup> *Ellos ofrecen una teología que se fundamenta en un método analítico y discursivo, iluminada por la fe y la experiencia. “Se perfila la tendencia en el pensamiento cristiano de la corriente aristotélica, se conocen la Lógica y las otras obras de Aristóteles a través de la conexión con la filosofía árabejudía; esta corriente irrumpió en la tradición platónico-agustiniana, más propensa a la experiencia religiosa y mística”.* BERNAL, 2017, p. 63.

<sup>91</sup> HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 7. ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003. p. 153.

<sup>92</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 142.

meditação e a especulação teológica andam de mãos dadas”<sup>93</sup> e era necessário usar de todos os meios que estão disponíveis para investigar e estabelecer as verdades da fé.

Abelardo exerceu grande influência na elaboração do método teológico ao introduzir a dialética nos estudos da teologia. Este método, era a “ousada tentativa de combinar autoridade e razão, fé e erudição independente”<sup>94</sup>. Segundo a opinião de Abelardo, essa tentativa dar-se-ia de três formas:

(1) examinando de modo minucioso estas afirmações, criticamente à luz da história, a fim de determinar sua relação; (2) avaliando-as com base na autoridade: apenas a Bíblia é infalível, enquanto os pais eclesiásticos podem errar; (3) esclarecendo a verdade tradicional empregando a razão em princípios racionais de valor universal.<sup>95</sup>

Deste modo, Abelardo entendia que fé e razão andam juntas e ambas são verdades divinas e por isso não podem se contradizer. Hugo de São Vítor se utilizou do método que distingue meditação de contemplação. E, finalmente, Pedro Lombardo combinou as tradições meditativa de Anselmo e Hugo com o método dialético de Abelardo.

Ainda dentro da esfera da fé e da razão, o principal tema era quanto à existência de Deus. Buscava-se, através da razão, provar que Deus existe na realidade, pois, pela fé, se pressupõe a crença neste fato. Anselmo era declaradamente seguidor da corrente agostiniana, por isso ele entende que é a fé que faz o ser humano compreender as coisas. “O conceito *credo ut intelligam* pressupõe que a teologia e a filosofia podem ser harmonizadas”<sup>96</sup>, ou seja, a teologia deveria usar da filosofia, principalmente, por esta oferecer o esclarecimento das coisas. “Pois, apenas depois de se apreender a verdade revelada pela fé é que se pode, através de debate e meditação, perceber que o que se crê também concorda com a razão.”<sup>97</sup>

É desta maneira que se entra na discussão sobre a existência de Deus. Na perspectiva de Anselmo, a fé mostra Deus como o ser mais elevado e perfeito. Mas, em contrapartida, o que é mais elevado não pode apenas existir na razão humana, deve estar também na realidade, se não, o que é realidade estaria acima do mais

---

<sup>93</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 143.

<sup>94</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 143.

<sup>95</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 143.

<sup>96</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 145.

<sup>97</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 145.

elevado. Deve-se, de tal modo, “admitir que há um ser supremo que existe tanto no intelecto como na realidade”<sup>98</sup>. Anselmo entende ainda que, a fé se relaciona com o amor e possui um aspecto volitivo, ou seja, tem a ver com a concentração da vontade que se põe no objeto desejado<sup>99</sup>. Para Hugo, a fé é em parte conhecimento e em outra parte afeto; a fé é o ato da vontade<sup>100</sup>. Por fim, quanto ao aspecto volitivo da fé, Abelardo concorda com Anselmo e Hugo. Para ele, a fé é uma forma de conhecimento, inclusive necessário e paralelo ao conhecimento filosófico<sup>101</sup>.

Com o passar do tempo, a experiência mística, com sua característica de trazer uma teologia mais contemplativa e passiva, fica relegada aos mosteiros, aos movimentos independentes de homens e mulheres e às ordens mendicantes, aos quais estiveram constantemente sob a mira suspeita da Igreja<sup>102</sup>. A teologia, a partir dos avanços escolásticos e a hierarquização da teologia pela Igreja Católica, perde sua face de experiência interna com Deus e passa a assumir uma face de experiência externa do ser humano racional, o qual não quer mais experimentar Deus, mas quer explicá-lo. Quem endossa essa afirmação, são as mulheres místicas, que

[...] revelam em seus escritos uma teologia que requer a passagem de uma linguagem representativa, enunciativa e demonstrativa para uma linguagem de fé que, antes de ciência empírica, é saber sapiencial.<sup>103</sup>

Outra definição de mística encontramos em Troch, que afirma que esta seria como “uma forma e estilo de texto histórico, a saber, aqueles que compreendem visões, alegorias, metáforas e poesia em uma relação específica com o corpo”<sup>104</sup>. Ele caracterizou a mística feminina por uma linguagem alegórica, visionária e poética; um modo de vida e espiritualidade; e, ainda, uma reformulação teológica da divindade<sup>105</sup>. Logo, para além de ter uma experiência mística com Deus, poder-se-ia, a partir disto, fazer teologia. E assim foi a teologia feita por algumas mulheres na Idade Média.

<sup>98</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 145.

<sup>99</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 145.

<sup>100</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 146.

<sup>101</sup> HÄGGLUND, 2003, p. 146.

<sup>102</sup> BERNAL, 2017, p. 64.

<sup>103</sup> BERNAL, 2017, p. 65.

<sup>104</sup> TROCH, Lieve. **Mística feminina na Idade Média**: historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. João Pessoa, PB: Revista Graphos, v. 15, n. 1, 2013. p. 4. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/16324>. Acesso em: 20 fev. 2021.

<sup>105</sup> TROCH, 2013, p. 3.

Troch traz uma suposição muito interessante sobre o papel da mística na vida das mulheres medievais. As visões, por exemplo, são interpretadas como mensagens enviadas diretamente de Deus a estas mulheres, que eram visionárias, possuíam um dom misterioso e, curiosamente, muito valorizado pelo clero. Portanto, como os homens eram os que determinavam o que era verdade, as mulheres tiveram que modificar um pouco as fontes de seus escritos teológicos. Desta maneira,

para as mulheres ratificarem e afirmarem a importância de sua voz, precisaram articular seus conteúdos dizendo que a palavra provinha diretamente de Deus. A visão, portanto, é um conceito estratégico para garantir à voz teológica feminina uma dimensão divina e, conseqüentemente, sua autoridade. As mulheres querem afirmar que sua voz não é o resultado de uma emoção descontrolada, mas que vem do próprio Deus.<sup>106</sup>

Entende-se, portanto, que a mística era a única forma de as mulheres expressarem sua teologia, visão política e econômica, e para exercerem papéis influentes dentro da igreja e da sociedade medieval. Engana-se quem pensa que elas foram submissas durante toda a história humana e que essas “coisas” de feminismo e sororidade começaram há apenas algumas décadas. Isso se confirma a partir da história das beguinhas, que se organizavam em comunidades apenas de mulheres<sup>107</sup>.

Hoje em dia, não se difere mística feminina de masculina. O mesmo acontece com a teologia, embora, praticamente, toda a teologia usada é de procedência masculina e, por isso, pesquisas como esta se fazem importantíssimas. Se na Idade Média a mística era, de fato, feita por mulheres, hoje ela transcende a categorização de gênero<sup>108</sup>. Segundo Teixeira, a experiência mística exige uma humildade, um esvaziamento de si e uma abertura ao mistério<sup>109</sup>, logo, se traduz esta afirmação como uma conexão profunda entre o ser humano e o divino. Diante de uma experiência mística, eu já não sou mais eu, mas Deus é que é em mim.

A jornada profética, teológica e filosófica de Hildegard von Bingen se dá através da mística e inicia, principalmente, quando ela recebe uma visão, no ano de 1141, onde ela vê “uma luz ardente de extremo brilho” e ouve uma voz que dizia

---

<sup>106</sup> TROCH, 2013, p. 4.

<sup>107</sup> BERNAL, 2017, p. 66-78.

<sup>108</sup> TEIXEIRA, 2011, p. 13.

<sup>109</sup> TEIXEIRA, 2011, p. 17.



para ela escrever o que via e ouvia<sup>110</sup>. Somente a partir deste chamado é que a monja se encoraja para, de fato, transcrever o que via e também se debruçar sobre os elementos visionados num fazer teológico, se baseando nas Escrituras Sagradas, nas suas influências teológicas e filosóficas, e na sua própria sabedoria. Como consequência disto nasce o *Scivias*, que é terminado somente em 1151.

É possível também avaliar a possibilidade de que Hildegard não tivesse um dom divino. Considerando este ponto de vista e apoiada na hermenêutica da suspeita, suas visões poderiam ser ideias, opiniões, pontos de vista que ela percebia sobre a teologia, política, conduta de homens e mulheres, a Igreja, o clero, entre outras<sup>111</sup>. Neste caso, Hildegard teria tido a inteligência e a esperteza de transformar suas ideias em visões e alegorias, obtendo, com isso, muita liberdade e espaço em um mundo dominado pelo patriarcalismo. Elizondo explica,

de fato, ainda em vida, foi-lhe reconhecida grande autoridade, o que lhe permitiu uma liberdade de movimentos e de palavra que outras mulheres de seu tempo não tiveram, nem sequer as dos séculos subsequentes.<sup>112</sup>

Simplesmente, não era possível uma mulher chegar a um cargo de muito poder no século XII. A autoridade concedida à Hildegard von Bingen foi um triunfo enormíssimo para as mulheres e para a mística que, a partir daí, ganhou lugar na sociedade e na igreja do século XII. Desta forma, a monja abriu espaço para que quem se apropriasse da mística, fosse, minimamente, valorizada e ouvida pelo prelado.

## 2.4 A SOCIEDADE NA IDADE MÉDIA

<sup>110</sup> POLL, Maria Carmem Gomes Martiniano de Oliveira van de. **A espiritualidade de Hildegard von Bingen**: profecia e ortodoxia. São Paulo: Tese de doutorado em História – USP, 2009. p. 15.

<sup>111</sup> Inclusive as outras obras, a saber, sobre medicina, plantas e pedras (*Causae et Curae* e *Physica*), foram escritas apenas através da observação da natureza, das dores humanas e da própria enfermidade que acometia a monja.

<sup>112</sup> ELIZONDO, Felisa. Hildegard e Hadewijch: mística da luz viva, mística do amor. In: **O feminino e o mistério**: a contribuição das mulheres para a mística. São Leopoldo: Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, 385 ed., p. 46-49, 2011. p. 47. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao385.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

A Idade Média foi um longo período de ascensão em diversas esferas da sociedade. No que tange o conhecimento intelectual, grandes filósofos da Antiguidade como Platão e Aristóteles ficaram conhecidos; Pais da Igreja, teólogos, como Santo Agostinho e Tomás de Aquino, moldaram conceitos/dogmas teológicos que permanecem até hoje no cristianismo; a música ascendeu teoricamente através dos monastérios; muitas guerras foram travadas; muitas pessoas morreram em nome de Deus; outras, passaram fome e pereceram com doenças e pestes. Este é o contexto superficial imaginado quando falamos em Idade Média.

A maior parte da vida de Hildegard von Bingen se passa no século XII, porém não faz sentido abordar apenas fatos deste período quando ele também se conecta com o século XI e XIII. Também é difícil definir se este período pertence à Alta ou à Baixa Idade Média, pois é justamente entre os séculos XI e XIII (possivelmente o século XII é a centúria transitória) que acontece a transição entre esses dois momentos: de uma época bárbara para uma época erudita, dando início a uma sociedade mais organizada naquele contexto. Na Alta Idade Média, a única hierarquia organizada era a Igreja<sup>113</sup>, mas, após a transição e com o advento do direito romano<sup>114</sup>, a sociedade passa a se organizar partindo de um centro, formando o Estado.

A organização da sociedade durante quase todo o período da Idade Média foi o que conhecemos como feudalismo. Este surgiu pelo século V como consequência das invasões bárbaras pela Europa Ocidental e da decadência do Império Romano. Tal sistema atingiu o auge nos séculos XI, XII, XIII. Posteriormente, a partir do século XV, começou a sofrer mudanças<sup>115</sup> e, por fim, desapareceu com a ascendência da burguesia e do sistema capitalista. Porém, um fato relevante é que, o parto do capitalismo aconteceu já no século XII, com a Revolução Comercial que expandiu a economia pela Europa aumentando a circulação monetária e desenvolvendo o crédito<sup>116</sup>. As cruzadas também foram auxiliadoras nesse processo de crescimento econômico e de circulação monetária, pois permitiram que o

---

<sup>113</sup> PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Portugal: Publicações Europa-América, 1997. p. 81.

<sup>114</sup> O direito romano na Idade Média era um conjunto de leis advindas do Império e era usado como um sistema político que visava centralizar o poder para melhor organizar a sociedade. O centro do poder, obviamente, fica a cargo dos homens dentro de suas hierarquias.

<sup>115</sup> FEUDALISMO. **Significados**. Fev. 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/feudalismo/>. Acesso em 05 jul. 2021.

<sup>116</sup> LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida: a usura na Idade Média**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 36.

Ocidente adentrasse o Oriente, e vice-versa, trazendo e levando especiarias e estabelecendo o comércio.

O feudalismo era baseado num sistema de pirâmide, onde o rei era autoridade máxima e todo o resto vinha abaixo. Os servos tinham casa e terras para morar e cultivar, mas, em troca, eles pagavam impostos/censos para os senhores feudais. A família é um conceito que se torna essencial dentro do sistema feudal. Para Pernoud, “a família é o bem mais precioso na Idade Média”<sup>117</sup>; o indivíduo não era nada fora desta esfera. A família é uma unidade social que liga camponeses e servos à senhores, senhoras, reis e rainhas pelo desejo de proteção. Muitas guerras foram travadas apenas pela vingança familiar. Dentro deste grupo, o direito romano haveria de atuar tornando o homem o *civis* na visão da sociedade e o *pater familias* para os membros de sua família. Com isso, o homem detinha sobre a sua família e seus escravos o *jus utendi et abutendi*, ou seja, o poder de usar e abusar<sup>118</sup>. A mulher tinha pouca voz, porém exercia demasiado trabalho, assim como todas as pessoas que estavam abaixo na pirâmide organizacional.

Naqueles tempos em que ainda não havia jurisdição, autenticação documental etc., a fé e a honra eram os grandes escudos das relações sociais<sup>119</sup>, isso explica porque os homens medievais prezavam tanto pela sua honra. Até mesmo a essência do vínculo feudal estabelecido entre vassalo e suserano é pela fé de um homem para outro. Este relacionamento é semelhante ao de uma família: para o senhor, o servo era como um membro de sua família, bem como o senhor para o camponês<sup>120</sup>. O feudo é como um corpo, onde cada parte exerce a sua função. Por exemplo, o serviço militar era um trabalho do feudo exercido, majoritariamente, por homens. Quando os homens saíam para guerrear, eram as mulheres quem cuidavam de quase todo o trabalho, desde o arado até a colheita, trituração e moedura do trigo<sup>121</sup>. Todos deveriam cumprir com as suas tarefas. As pessoas que não cuidassem bem delas sofriam penalizações ou até perdiam o direito a terra. Até mesmo os senhores feudais eram penalizados se administrassem mal o feudo<sup>122</sup>.

---

<sup>117</sup> PERNOUD, 1997, p. 22.

<sup>118</sup> PERNOUD, 1997, p. 15.

<sup>119</sup> PERNOUD, 1997, p. 31.

<sup>120</sup> PERNOUD, 1997, p. 29.

<sup>121</sup> SULLEROT, Evelyne. **História e sociologia da mulher no trabalho**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970. p. 22.

<sup>122</sup> PERNOUD, 1997, p. 33.

O que deu início à relação entre senhor e vassalo foi a segurança que haveriam de receber ambas as partes: o senhor teria homens e mulheres para cultivar a terra e guerrear quando necessário e essas pessoas haveriam de receber alimento, terras para cultivar e segurança oferecida pelo seu senhor.

Cada vez mais se procura a proteção do “*senhor*” (*sénior*), a única ativa e eficaz, que protegerá não só da guerra e da fome, mas também da ingerência dos funcionários reais. Assim se multiplicam as cartas de vassalagem, pelas quais a arraia-miúda se liga a um “*senhor*” para assegurar a sua segurança pessoal.<sup>123</sup>

Tudo isso era estabelecido numa espécie de rito chamado de vassalagem, no qual era feito um juramento de fidelidade do servo para o senhor, se comprometendo à submissão em troca de proteção. Um vassalo jurava servir fielmente seu suserano ante algo sagrado – seja a Bíblia ou algum objeto valioso. Ao rei, restava, unicamente, manter seus suseranos ou senhores feudais em segurança.

Em segundo lugar na pirâmide, quase junto ao poder real, estava o clero – a Igreja Católica –, que tinha grande poder no feudo e a missão de manter o equilíbrio espiritual de todas as pessoas. A nobreza era uma mínima parcela da população, dela faziam parte os senhores feudais e os cavaleiros. Os servos, as servas, as camponesas e os camponeses eram a parcela maior da população e responsáveis por garantir a subsistência local produzindo alimentos, roupas, artesanatos<sup>124</sup>. Podemos afirmar que a parcela servil era a que mantinha a economia em funcionamento.

A política, o poder jurídico e a economia estavam sob o poder dos senhores feudais. Para os servos não existia a possibilidade de mobilidade e, assim, passavam toda as suas vidas dentro do feudo. Outra característica era a da promoção de guerras para conquistar mais terras, o que era recorrente, principalmente, a partir do século XI, com o surgimento das Cruzadas.

A geografia de um feudo era muito simples. Para garantir sua proteção, o rei vivia dentro de um castelo cercado por muros altos e, geralmente, edificado em lugares de difícil acesso ou cercado por água. Ao redor desta fortificação se

---

<sup>123</sup> PERNOUD, 1997, p. 28.

<sup>124</sup> FEUDALISMO. **Significados.** Fev. 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/feudalismo/>. Acesso em 05 jul. 2021.

situavam os feudos, as casas das pessoas camponesas e as terras para plantio, e, em volta disto, os bosques.

## 2.5 AS MULHERES: AS PRODUTORAS DO MEDIEVO

Fala-se muito sobre a sociedade medieval na perspectiva masculina, mas na maioria das vezes se omite o lugar das mulheres. Na verdade, acredito ser uma rejeição, no sentido de que a história das mulheres e o que elas fizeram não nos importasse, não fosse necessário, não fizesse parte dos registros, como se não fosse necessário falar sobre isso. Bastava contar a história superficialmente, somente os eventos mais importantes, as guerras, os imperadores, os grandes monges.

Porém, durante um pequeno período da história humana, a mulher pôde ter um respiro de paz e exercer seus trabalhos tranquilamente. Especialmente na região da Gália e da Germânia, a situação da mulher era de igual para igual com o homem, talvez, por perpetuarem costumes dos antigos celtas, povos estes nos quais as mulheres e os homens ficavam em pé de igualdade<sup>125</sup>. “As mulheres faziam a guerra ao lado dos homens; e ocupavam-se da agricultura e do gado”<sup>126</sup>. Muitas vezes, vingavam a morte do marido morto em guerra, outras iam à guerra em cavalos brancos demonstrando que eram sacerdotisas, e eram incumbidas de degolar os prisioneiros<sup>127</sup>.

As germanas e as gaulesas também participavam das decisões sobre a guerra e a paz. Algumas eram juízas; elas detinham quase que exclusivamente os saberes e técnicas necessários à agricultura; no casamento, a mulher germana compartilhava junto com seu futuro marido a construção da sua casa. Todo este pequeno momento de paz para essas mulheres acaba com a chegada da Igreja Romana, que traz consigo o direito romano que acaba por degradar e diminuir a função feminina na sociedade. Nesse momento, em que a Germânia é romanizada, é chamado de processo civilizador<sup>128</sup>.

---

<sup>125</sup> PERNOUD, 1979, p. 78.

<sup>126</sup> SULLEROT, 1970, p. 47.

<sup>127</sup> SULLEROT, 1970, p. 47.

<sup>128</sup> GILSON, 1995, p. 217.

Embora o trabalho feminino tenha sido muito árduo, a Idade Média foi um período em que a mulher ainda era livre para exercer funções fora de casa. Mesmo depois do direito romano, até por volta do século XIV ou XV, era ela quem cuidava da agricultura, pecuária e dos jardins.

As mulheres ocupavam-se[...] dos carneiros, que elas mesmas tosquiavam. Ocupavam-se dos galináceos, dando-lhes de comer. Criavam, nos jardins, essas “ervas” e essas “raízes” que eram, na realidade, os legumes verdes. [...] faziam rodar o moinho. [...] Enquanto o homem caçava e derrubava árvores, na floresta, a mulher ajudava-o a trazer para casa as provisões de madeira, colhia frutos selvagens, apanhava os feixes de lenha. Cultivava, ao redor da casa, trigo e outros cereais: centeio, por exemplo. Levava a vacas a pastar e além dessas tarefas, que forneciam alimentação e aquecimento, assegurava, inteiramente, o fabrico de vestuário, nas casas das zonas rurais.<sup>129</sup>

A partir do século XIII, a mulher passa a exercer mais trabalhos fora de casa, que são reconhecidos como profissões de fato. As profissões, exclusivamente femininas, eram: enoveladeira, penteadora, cardadora, alisadora, urdideira, fabricante de chapéus, batidora de seda, pintora de lenços para serem usados na cabeça, batidora de estanho, batidora de ouro, linheira, dentre outros. Todas essas atividades, note-se, ligadas à produção têxtil<sup>130</sup>. Houveram também as profissões mistas, mulheres escribas e médicas; mestras em algumas profissões, mas somente após a morte do marido mestre: serralheira, luveira, pasteleira, sapateira, bolseira, cintureira etc. Na indústria urbana ela foi: polidora de cristal, fabricante de peles, preparadora de couro, fabricante de agulhas, de franjas e tecedeira<sup>131</sup>.

Com o passar dos anos, a acessibilidade ao trabalho para a mulher foi diminuindo, bem como a remuneração que lhe era devida. Segundo Sullerot, no fim do século XIV, uma mulher ganhava três quartos do salário de um homem. Já no século XVI, quando a consciência quanto ao trabalho se amplia, uma mulher com a mesma profissão de um homem passa a ganhar apenas dois quintos do pago a este<sup>132</sup>.

Podemos constatar que as mulheres não estiveram sob o domínio dos homens desde o começo de sua existência. Por alguns séculos elas exerceram

---

<sup>129</sup> SULLEROT, 1970, p. 50.

<sup>130</sup> SULLEROT, 1970, p. 52.

<sup>131</sup> SULLEROT, 1970, p. 54-55.

<sup>132</sup> SULLEROT, 1970, p. 57.

funções e trabalhos importantes para aquela sociedade. Em alguns lugares da França, a mulher aparece como votante<sup>133</sup>.

Nas atas de notários é muito frequente ver uma mulher casada agir por si mesma, abrir, por exemplo, uma loja ou uma venda, e isto sem ser obrigada a apresentar uma autorização do marido. Enfim, os registros de impostos [...] desde que foram conservados, como é o caso de Paris, no fim do século XIII, mostram multidão de mulheres exercendo funções: professora, médica, boticária, estucadora, tintureira, copista, miniaturista, encadernadora etc.<sup>134</sup>

Somente no final do século XVI, por decisão do Parlamento e influência do crescente direito romano, a mulher será afastada das funções do Estado, passando a ser confinada dentro de casa, nos afazeres domésticos, na educação e criação dos filhos e das filhas<sup>135</sup>.

A decadência da mulher é marcada paralelamente com a ascensão do direito romano, primeiro nas instâncias jurídicas, depois nas instituições e, por fim, nos costumes<sup>136</sup>. O direito romano era concebido como um instrumento de centralização e autoridade, servia à quem queria firmar uma autoridade central e estatizada, e trouxe mais poder para o homem: é o direito do pai, proprietário, chefe. Este possibilitava que alguém pudesse decidir sobre a vida e a morte de seus subordinados e as suas subordinadas, quer seja família, quer seja servo. O direito romano era de interesse daqueles que possuíam riquezas e propriedades e por estas pessoas foi estudado com ânimo. Por exemplo, o rei Frederico II no século XIII, “fez desse tipo de direito a lei comum dos países germânicos”<sup>137</sup>. O direito romano, obviamente, não era favorável à mulher, nem às crianças. Apenas elevava o homem, mesmo àqueles que eram servos. Segundo Pernoud, ele foi usado por juristas para “estender o poder do Estado centralizado e também para restringir a liberdade da mulher e da sua capacidade de ação, principalmente no casamento”<sup>138</sup>.

Portanto, ela não foi valorizada como produtora. Na verdade, não foi valorizada em nenhuma atividade que exercia.

Jamais, em qualquer época, o trabalho exclusivamente reservado às mulheres, que, como veremos adiante, era, por vezes, terrivelmente duro (ou extraindo minerais nas minas da Antiguidade, ou como

---

<sup>133</sup> PERNOUD, 1979, p. 87.

<sup>134</sup> PERNOUD, 1979, p. 87.

<sup>135</sup> PERNOUD, 1979, p. 88.

<sup>136</sup> PERNOUD, 1979, p. 79.

<sup>137</sup> PERNOUD, 1979, p. 80.

<sup>138</sup> PERNOUD, 1979, p. 80.

escrava, fazendo rodar as noras), ou exigia grandes aptidões (tecedeira de ouro ou de seda, na Idade Média), jamais esses trabalhos, reservados às mulheres, lhes deram prestígio na sociedade. Em todas as épocas, vemos as mulheres serem privadas do reconhecimento, pela sociedade, das suas atividades e, sobretudo, da participação na construção desta mesma sociedade. Elas trabalhavam, época após época, sofriam, produziam, mas nunca recebiam verdadeira consideração social pelas atividades que exerciam. O trabalho não lhes conferia nem direitos, nem riquezas, bem pelo contrário, nem, sobretudo, independência. Além disso, cada vez que as ideias sobre o trabalho evoluíam e que certas atividades se tornavam admiradas e prestigiadas, acontecia que as mulheres chegavam sempre com atraso “à estação”. Trabalhavam muito nas épocas em que o trabalho não era valorizado e eram impedidas de trabalhar, nas épocas em que o trabalho abria as portas da existência social, em que a primeira definição de um homem era a resposta à questão: “*Que é que ele faz?*”.<sup>139</sup>

Tem-se, assim, a resposta à invisibilidade da história da mulher. Não foi desde início dos tempos que elas estiveram presas à esfera doméstica, mas, geralmente, lhes restava fazer o que era entendido como trabalhos inferiores, bastando para tanto a simples justificativa da natureza. Sullerot afirma,

porque a Natureza assim decidiu, a mulher carregava os filhos, alimentava o bebê, e era mais frágil, fisicamente, do que o homem. Este, além de resistir mais a um certo tipo de esforço, não tinha a desvantagem [...] da gravidez.<sup>140</sup>

Mas quem decidiu sobre essa natureza feminina? Em algum momento alguém definiu que a mulher era mais frágil ou que a gravidez é uma desvantagem. De certa forma, essa situação quanto às suas condições não mudou muito, pois, ainda hoje, se identifica justificativas para dizer que um certo trabalho é mais adequado a este ou aquele sexo. Por conta dos direitos e leis que o próprio homem, até hoje a mulher luta para conseguir igualdade e equidade na sociedade. O apagamento das funções femininas foi sutil. Diríamos hoje que foi “por debaixo dos panos”, tirando um direito aqui e outro ali.

## 2.6 A IGREJA

---

<sup>139</sup> SULLEROT, 1970, p. 22.

<sup>140</sup> SULLEROT, 1970, p. 23.



A história da Igreja começa muito antes do século XII. Foi a partir das pregações do Apóstolo Paulo que a Igreja começou a se estruturar. Depois, na Antiguidade, junto à chamada Patrística<sup>141</sup>, a Igreja começou a ganhar mais forma; o cânon começou a ser discutido e elaborado; regras e dogmas foram instituídos; e caminhos para uma vivência da fé cristã foram traçados.

[...] É na Idade Média que se elaborou uma das mais vastas e audaciosas sínteses que a história da filosofia conheceu. Esta conciliação entre a sabedoria antiga e o dogma cristão, desembocando nas grandes obras dos teólogos do século XIII [...]. A questão dos Universais, as discussões sobre o nominalismo ou o iluminismo, que apaixonaram o mundo pensante de então, testemunham a intensa atividade intelectual de que as Universidades, a de Paris, a de Oxford e outras, eram o centro. As discussões a que assistimos, entre teólogos, as disputas de um Abelardo ou de um Siger de Brabant, ardentemente seguidas e discutidas pela juventude das escolas, não são a prova de que, nestas matérias, mais talvez do que em quaisquer outras, o sentido crítico tinha oportunidade de se exercer?<sup>142</sup>

Embora a Igreja estivesse geralmente interessada mais em poder e riquezas do que em salvar seus crentes, muito da filosofia e da teologia que temos hoje devemos a este momento da história. O movimento escolástico, por exemplo, começa dentro dos mosteiros e somente depois se difunde para as universidades. O aprofundamento filosófico e teológico que se deu no século V foi financiado, ainda, por Carlos Magno que, após consolidar os limites de seu reinado e com auxílio do monge Alquino de York (735–804) instituiu o ensino das artes *Trivium* e *Quadrivium*<sup>143</sup> em todas as dioceses<sup>144</sup>. Esse período da expansão do ensino e da disseminação das artes se tornou conhecido como Renascimento Carolíngio. Por ter tido grande influência da Igreja Romana em sua formação, as abadias e os monastérios se tornaram grandes produtores e acumuladores de material acadêmico/teológico, com uma produção marcada pelo pensamento de santo Agostinho de Hipona, pelo neoplatônico de Plotino e por alguns textos de lógica de Aristóteles.

---

<sup>141</sup> É o nome dado a filosofia cristã dos primeiros séculos, escrita pelos primeiros filósofos cristãos chamados Pais Apostólicos da Igreja.

<sup>142</sup> PernoUD, 1997, p. 91.

<sup>143</sup> O *Trivium* era focado no ensino das três artes: gramática, retórica e dialética. Enquanto o *Quadrivium* nas quatro artes: aritmética, geometria, astronomia e música.

<sup>144</sup> GONZÁLEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, v. 4, 1993. p. 128.

A Igreja – e aqui nos referimos à Igreja Católica – tinha grande poder e influência dentro do sistema feudal. O clero andava ao lado do rei, quase como mão direita, dando conselhos e direções. A Igreja no século XII possuía o poder para controlar a sociedade e, desta forma, mais do que propor uma prática e vivência de fé e espiritualidade, ela impelia poder e ordem em nome de Deus<sup>145</sup> através do medo da morte e do inferno, e ainda lucrava com isso (como foi o caso que desencadeou a Reforma Protestante posteriormente). Muitos bispos, cardeais, abades e homens da alta nobreza clerical se tornaram senhores feudais<sup>146</sup> possuidores temporais de muitos bens e terras que cooperavam para defender seus feudos de invasões.

Quanto à hierarquia eclesiástica, a Igreja era dividida em províncias e dioceses onde o poder máximo estava com o patriarca de Roma (a partir do século V, o papa) e sucedendo este, arcebispos, bispos e monges; os diáconos estavam diretamente ligados à população, cuidando de doentes, alimentando pobres; e os padres cuidavam das comunidades rurais chamadas de dioceses.

A atuação da Igreja, parte integrante do sistema feudal, acabou culminando em uma banalização da mesma no século XII, gerando corrupções e influências mundanas de imperadores sobre seu poder, o que fez com que sua estrutura fosse fortemente abalada, quase deixando de existir. Mesmo assim, ela exerceu influência doutrinária na sociedade, principalmente por ser a responsável por trazer o direito romano à Europa feudal. De igual forma, na França, a Igreja passa a ter papel importante na formação da hierarquia feudal<sup>147</sup>.

Porém, mais tarde, alguns clérigos resolveram promover uma profunda reforma moral e religiosa na instituição. Fundaram o mosteiro beneditino de Cluny e os monges deste mosteiro reformaram a vida religiosa no modo de viver a fé, enfatizando a importância da oração. E não parou por aí,

semelhante ordem era inseparável de perigos; as lutas do Sacerdócio e do Império provam que esta separação muito delicada a fazer entre o reino de Deus e o de César não foi sempre realizada na perfeição: houve usurpações de ambas as partes; a questão das Investiduras, em particular, torna públicas as pretensões dos imperadores em se imiscuir em questões dependentes da hierarquia eclesiástica.<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> DREHER, Martin N. **História do povo de Jesus**: uma leitura latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2013. p. 139-140.

<sup>146</sup> PERNOUD, 1997, p. 82.

<sup>147</sup> PERNOUD, 1997, p. 81.

<sup>148</sup> PERNOUD, 1997, p. 83.

Desta forma, podemos afirmar que, a partir deste momento, houve uma ruptura entre a Igreja e o Estado. Mesmo assim, continuaram trabalhando juntos, principalmente, por apresentarem os mesmos interesses. Prova disso é a guerra pela reconquista da Terra Santa, também chamada de Cruzadas, que nada mais eram do que expedições religiosas e militares organizadas com o objetivo de retomar Jerusalém do domínio muçulmano.

Assim como a nobreza, a Igreja na Idade Média goza de privilégios, e um destes era o de ter um tribunal exclusivo chamado de *privilegium fori*, ou seja, um tribunal eclesiástico. Um de seus objetivos foi, por exemplo, a luta contra as heresias<sup>149</sup>. “Para o apreender bem, é preciso compreender que a Igreja é, então, a garantia da ordem social e que tudo aquilo que à ameaça ataca ao mesmo tempo a sociedade civil”<sup>150</sup>. São estes tribunais eclesiásticos que mais tarde promovem movimentos de purificação e condenam mulheres por bruxaria. Assim nascia a Inquisição.

---

<sup>149</sup> PERNOUD, 1997, p. 89.

<sup>150</sup> PERNOUD, 1997, p. 89.

### 3 O SCIVIAS – CONHECE OS CAMINHOS DO SENHOR

Dentre a diversidade de obras escritas por Hildegard von Bingen, esta pesquisa ocupar-se-á de apenas uma delas, a saber, o Scivias ou Scito Vias Domini ou, ainda, conhece os caminhos do Senhor. Nesta obra, por vias de sua extensão e da delimitação da pesquisa, analisarei apenas o primeiro capítulo ou livro referente ao criador e à criação.

Esta obra visionária tardou dez anos para ser escrita (1141–1151) e foi uma inspiração dada através das visões que a monja beneditina recebia. Tal livro deu abertura à vida de teóloga, filósofa e intelectual de Hildegard. É composto por vinte e seis visões e dividida em três partes, a saber, o criador e a criação, o redentor e a redenção, e a história da salvação. As visões são minuciosamente descritas com um grande apanhado de símbolos e, inclusive, imagens ilustrando cada uma delas. Posto isto, a cada visão, Bingen faz sua interpretação à qual é introduzida pela frase: “E ouvi uma voz vinda do céu dizendo...”<sup>151</sup>. Deste ponto em diante, as visões se tornam textos destrinchados parte por parte como uma exegese bíblica. Segundo Newman,

em primeiro lugar, os fenômenos visuais são interpretados alegoricamente; depois, segue-se um ensinamento mais ou menos elaborado, classificando pontos de doutrina e de moralidade que foram sugeridos pela visão. Dentro de cada uma dessas unidades doutrinárias, as passagens escriturísticas são introduzidas como textos de demonstração, e estes, por sua vez, recebem leituras alegóricas. A natureza didática e exegética do todo é indicada pelas reiteradas questões pedagógicas “*Quid est hoc?*” e “*Quomodo?*” – “O que isso significa?”. Finalmente, cada unidade conclui-se com uma fórmula admoestatória que permanece constante em todas as visões em um livro particular, emprestando, assim, unidade estrutural adicional.<sup>152</sup>

Como Hildegard von Bingen viveu em um tempo particularmente opressor para a mulher, ela buscou a permissão e o apoio de figuras masculinas a fim de obter reconhecimento pelas suas visões e não ser banalizada pelo clero desconfiado. Uma das figuras com a qual ela se relacionou remotamente foi Bernardo de Claraval, que, como monge e teólogo místico, reconhece a veracidade no que a abadessa relatava e a incentiva a escrever sobre o que via. Posteriormente, com alguns homens já ao lado de Hildegard afirmando que seus

---

<sup>151</sup> NEWMAN, 2015, p. 45.

<sup>152</sup> NEWMAN, 2015, p. 45-46.

escritos não eram heresias, o papa Eugênio III lê o esboço do *Scivias* e aprova o conteúdo, o que terminou por chamar a atenção de muitas pessoas para a figura de Hildegard e para sua obra.

Newman afirma que esta obra pode ser abordada a partir de muitos ângulos. Porém, como obra visionária, o *Scivias* é único e, como uma suma teológica cristã, pode ser assemelhada a outras diversas. Ele contém, por exemplo, um íntimo paralelo com a suma escrita por Hugo de São Vítor, a saber, “Os sacramentos da fé”. Ambas se distinguem por Hildegard excluir de sua obra os assuntos profundamente filosóficos, como exemplo, a predestinação. Por outro lado, ela aborda, de maneira extensa, a questão das virtudes, o que Hugo exclui de seus escritos. Outra diferença entre ambas é, “onde ele discute, ela afirma; onde ele fala em sua própria pessoa, ela fala *in persona Dei*”<sup>153</sup>. Este aspecto, o falar em nome de Deus, é bem nítido no decorrer das explicações das visões, o que, por vezes, deixa o texto e a pessoa leitora confusos e torna a apreensão do conteúdo complexa.

As fontes e as influências que contemplaram os escritos de Hildegard von Bingen, em sua grande maioria, são desconhecidas. Porém, no *Scivias*, as principais e nítidas influências são a Bíblia, a liturgia, a Regra Beneditina e as obras dos Pais da Igreja, tais como Agostinho, Jerônimo, Gregório Magno e Beda<sup>154</sup>. Outra influência suspeita seria João Escoto Erígena (810–877), que pode ter sido usada para “ênfatar o caráter revelado de sua obra profética”<sup>155</sup>. Eggert e Pinheiro apresentam ainda outra perspectiva das possíveis fontes e influências da abadessa de Bingen.

Em relação às escrituras ela entendia perfeitamente o que quer dizer o Antigo e o Novo Testamento, assim como outros livros que tratavam da temática cristã. Desta forma, até o presente momento não temos como precisar quais livros exatamente Hildegarda teve acesso, mas a partir de sua afirmativa pressupomos que ela leu as obras de Agostinho, Tertuliano e mesmo autores não cristãos como Galeno e Cícero.<sup>156</sup>

---

<sup>153</sup> NEWMAN, 2015, p. 48.

<sup>154</sup> NEWMAN, 2015, p. 81.

<sup>155</sup> CIRLOT, Victoria. Hildegard de Bingen: uma “artista” mística e profética. In: **O feminino e o mistério**: a contribuição das mulheres para a mística. São Leopoldo: Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, 385 ed., p. 43-45. 2011. p. 44. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao385.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

<sup>156</sup> EGGERT; PINHEIRO, 2016, p. 90.

Em relação ao estilo literário que a abadessa utiliza, se percebe uma escrita muito poética. Hildegard se apropria de uma “retórica da negação”<sup>157</sup> em seus textos, ela afirma aquilo que não é. Por exemplo, a abadessa se refere a si em um diminutivo “pobre mulherzinha”, quando, na verdade, notamos que ela é uma grande mulher cheia de saberes.

Nesta pesquisa, vamos ler parte da obra *Scivias*, porém vale lembrar de todas as outras obras de Hildegard, pois estas estão interligadas e se relacionam entre si, seja no estilo literário ou nos assuntos dos escritos.

### 3.1 O CRIADOR E A CRIAÇÃO

Com a finalidade de expor o pensamento exclusivo da monja/abadessa Hildegard von Bingen, serão descritas abaixo as seis visões do primeiro livro. Esta parte inicial do *Scivias*, “explora conexões entre o macrocosmos e o microcosmos, coisas acima e coisas abaixo, o mundo criado e o mundo decaído”<sup>158</sup>. Após a explanação das visões, serão expostos os comentários e simbolismos na perspectiva de Hildegard. Também farei comentários a partir do meu olhar crítico sobre as visões no decorrer do texto. É necessário acentuar que vou usar duas traduções das visões, sendo elas o português<sup>159</sup>, sendo esta a principal, e, de forma mais autônoma, o alemão<sup>160</sup>, visto que os textos originais estão em latim, língua sobre a qual não possuo conhecimento. Nesse sentido, dou ciência de que as visões já são traduzidas a partir da perspectiva das respectivas tradutoras.

#### 3.1.1 Deus entronizado mostra-se a Hildegard<sup>161</sup>

A primeira visão desta forma:

<sup>157</sup> EGGERT; PINHEIRO, 2016, p. 91.

<sup>158</sup> NEWMAN, 2015, p. 46.

<sup>159</sup> BINGEN, Hildegard von. **Scivias**: (*Scito vias Domini*): conhece os caminhos do senhor. Tradução: Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

<sup>160</sup> BINGEN, Hildegard von. **Wisse die wege**: *Scivias*. Übersetzung: Maura Böckeler. Salzburg: Otto Müller, 1954.

<sup>161</sup> Na tradução alemã está: Der Leuchtende, que significa: O iluminado. BINGEN, 1954. p. 95.

Vi uma grande montanha ferruginosa e, entronizado sobre ela, alguém de glória tão imensa que ofuscava minha vista. Em cada um dos lados dele, estendia-se uma sombra suave, como uma asa de largura e extensão admiráveis. Diante dele, no sopé da montanha, achava-se uma imagem cheia de olhos por todos os lados, na qual, por causa daqueles olhos, eu não podia vislumbrar nenhuma forma humana. Diante dessa imagem, havia outra: uma criança que trajava uma túnica de cor suave, mas com sapatos brancos, sobre cuja cabeça tamanha glória descia daquele que está entronizado sobre aquela montanha, que não pude olhar para seu rosto. Mas daquele que se assentava entronizado sobre aquela montanha saltavam muitas faíscas vivas, que voavam mui docemente ao redor das imagens. Igualmente, discerni nessa montanha muitas janelinhas, nas quais apareciam cabeças humanas, algumas de cores atenuadas e outras brancas.<sup>162</sup>

Figura 2 - Aquele que está entronizado



Fonte: <http://dimensaodaescrita.blogspot.com/2016/05/a-obra-scivias-de-santa-hildegard-von.html>  
Acesso em: 05 out. 2021, 16:13h.

Nesta visão, acontece algo peculiar com Hildegard, pois, depois que ela tem a visão, aquele que estava entronizado grita com voz forte e alta:

Ó humano, que és frágil pó da terra e imundície da imundície! Grita e proclama a origem da pura salvação, até que aquelas pessoas sejam instruídas, aquelas que, embora vejam os mais íntimos conteúdos das Escrituras, não querem conta-los ou anunciá-los, porque elas são pusilânimes e indolentes no serviço da justiça de Deus. Descerra-lhes o confinamento dos mistérios que elas, tímidas quais são, escondem

<sup>162</sup> BINGEN, 2015, p. 103.

em um campo oculto e estéril. Irrompe em uma fonte de abundância e jorra conhecimento místico, até que aqueles que pensam que és desprezível por causa da transgressão de Eva, sejam instigados pela inundação de tua irrigação. Com efeito, recebeste tua profunda intuição não de seres humanos, mas do sublime e tremendo Juiz nas alturas, onde essa calma brilha fortemente com gloriosa luz entre as que brilham.<sup>163</sup>

Esta é a visão que impulsionou Hildegard von Bingen a escrever sobre as coisas que via. Pode-se ver o motivo e a intenção daquele que fala à monja, a saber, acabar com a iniquidade e a injustiça no mundo.

A reflexão que a monja apresenta sobre esta visão é sucinta em relação às outras. Hildegard escreve sobre a força e estabilidade do Reino de Deus, que são simbolizadas pela grande montanha cor de ferro; ela explica Deus como um Deus de “inefável justiça e que manifesta doce e suave proteção e persevera na verdadeira equidade”<sup>164</sup>, tanto na admoestação quanto na punição.

Em seguida, Hildegard discorre sobre o temor do Senhor, que significaria o ser humano se manter na presença de Deus com humildade e contemplação do seu Reino. Em outro ponto, ela traz Deus como um Deus dos pobres e narra o temor do Senhor e a pobreza de espírito como grandes virtudes.

Hildegard concebe Deus como o portador do maior dos conhecimentos afirmando que o propósito dos atos humanos não pode ocultar-se do conhecimento de Dele<sup>165</sup>, ou seja, não podemos esconder nossas intenções e falhas de Deus, pois Ele conhece o coração de todos os seres humanos. Deus tudo vê.

Finalmente, Hildegard cita a passagem de Provérbios 10, 4 – “o preguiçoso fica pobre, mas quem se esforça no trabalho enriquece”<sup>166</sup> –, explicando que as boas obras (lutar por justiça, evitar a maldade, pagar as dívidas) trazem bem-aventurança e riquezas celestiais. “[...] Uma pessoa enfraquece e empobrece a si mesma quando não trabalha pela justiça[...]”<sup>167</sup>.

Resumidamente, essa visão traz à luz duas grandes virtudes que a própria monja exerce em sua vida, o temor do Senhor e a pobreza de espírito. O temor do Senhor é algo que mantém e também conduz as pessoas para estarem na presença de Deus. Na visão, aparece como a figura cheia de olhos que Hildegard vê no pé da montanha, a todo momento vigilante, com olhos por todos os lados. A pobreza de

<sup>163</sup> BINGEN, 2015, p. 103-104.

<sup>164</sup> BINGEN, 2015, p. 104.

<sup>165</sup> BINGEN, 2015, p. 106.

<sup>166</sup> BÍBLIA de Estudo **NTLH**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 612.

<sup>167</sup> BINGEN, 2015, p. 106.



espírito se entende como humildade e noção de que somos seres muito pequeninos em um universo tão vasto. A pessoa que possui a pobreza de espírito é conduzida pelo temor do Senhor à presença de Deus.

Observo que, a primeira visão já vem repleta de críticas às pessoas que usurpavam, que eram corruptas, que queriam riquezas terrenas em vez de viverem uma vida plena. A visão aponta na direção do clero do século XII, quando a voz que Hildegard ouve, acusa de fracos e indolentes aqueles que conhecem intimamente as Escrituras e, mesmo assim, não querem contá-las a todas pessoas. Esta voz impulsiona Hildegard a falar, a proclamar, a jogar em terra fértil todo seu conhecimento místico, pois os corruptos o escondem em um lugar oculto e estéril. Portanto, o conhecimento não deve ser estagnado, ele precisa se multiplicar, ser aberto ao acesso de qualquer pessoa e não um dogma intocável, imutável, ilegível.

### 3.1.2 A criação e a queda<sup>168</sup>

Segue a segunda visão:

Então vi como se fosse uma grande multidão de lâmpadas vivas muito brilhantes, que recebiam ardente brilho e adquiriam um claro esplendor. E eis que apareceu um buraco de grande largura e profundidade, com uma boca como a boca de um poço, que emitia fumaça ardente com grande mau cheiro, do qual se espalhou uma repugnante nuvem que assumiu uma forma enganadora, como uma veia. E, em uma região de luminosidade, ele soprou sobre uma nuvem branca que brotara de uma maravilhosa forma humana e continha dentro de si muitas e muitas estrelas, e em assim fazendo, expulsou daquela região tanto a nuvem branca quanto a forma humana. Quando isso foi feito, um luminoso esplendor rodeou aquela região, e todos os elementos do mundo, que antes haviam existido em grande tranquilidade foram lançados na maior agitação e mostravam horrendos terrores.<sup>169</sup>

---

<sup>168</sup> Na tradução alemã está: Der Ursprung des Bösen, que significa: A origem do mal. BINGEN, 1954. p. 98.

<sup>169</sup> BINGEN, 2015, p. 109.

Figura 3 - A queda da humanidade



Fonte: <http://dimensaodaescrita.blogspot.com/2016/05/a-obra-scivias-de-santa-hildegard-von.html>  
Acesso em: 05 out. 2021, 16:13h.

Essa narração é bastante complexa e traz pontos bem importantes sobre conversão, sacramentos, penitência, boas obras, enfatizando os grandes pecados que levam a humanidade a cair no grande poço do inferno. Inicialmente, ela versa sobre a questão da expulsão de Lúcifer dos céus, afirmando que a partir disto o inferno é criado. Nota-se, inclusive, este aspecto da criação do mal a partir da tradução alemã do título: a origem do mal. Hildegard explica que as pessoas têm impulsos para fazer injustiças, porém, se seguirem fielmente a Deus, reconhecerão que não foi bom o que fizeram. A “multidão de lâmpadas vivas e brilhantes” se refere ao exército de espíritos celestiais e “recebem ardente brilho e um claro esplendor”, pois rejeitaram a tentação de Lúcifer, permanecendo fiéis ao amor de Deus, perseverando na justiça e desprezando todo o pó da injustiça<sup>170</sup>.

Porém, Lúcifer foi orgulhoso, já não temia a Deus e só tinha olhos para a falsa prosperidade e, por Deus não permitir que ele tivesse o que desejava, o anjo sai espalhando dor e ira. Jó 21, 17-18 afirma, “quando foi que se apagou a luz dos perversos? Quantas vezes algum deles caiu na desgraça? Será que Deus alguma

---

<sup>170</sup> BINGEN, 2015, p. 110.

vez ficou irado com eles e os fez sofrer? Quando foi que ele os espalhou como a palha ou como a poeira que é levada pela ventania?”<sup>171</sup> Isso quer afirmar que nada nem ninguém pode se comparar a grandeza que é Deus e se, porventura, acontecer, como foi com Lúcifer, o castigo do Altíssimo cairá sobre essas pessoas que são consideradas nocivas para Deus e para os seres humanos<sup>172</sup>.

Lúcifer era um anjo de grande distinção, porém quando tomou conhecimento de sua grande força e beleza e, através disso, descobriu o orgulho, foi tomado pelo desejo de mais poder a ponto de procurar dividir o trono com Deus. Nota-se aqui uma grande advertência quanto ao orgulho, que é reconhecido como o maior pecado, pois é por ele que o diabo se torna o diabo. O fato de Hildegard enfatizar este pecado pode ser também uma crítica aos clérigos e outros líderes que por sua vaidade, soberba, se enxergavam como um tipo superior de ser humano, o que os levava pra longe da humildade. Por isso,

[...] o pecado da vaidade encabeça a lista, sendo ela por excelência o pecado dos dominantes, clérigos ou aristocratas que, uma vez glorificados por sua posição, se tornam vítimas de um exacerbado desejo de elevação, infringindo por vezes a obediência e a submissão que devem manifestar perante Deus.<sup>173</sup>

Hildegard afirma também que, se o vivente abandona a iniquidade, se converte e vive uma vida de penitência, o buraco do inferno não será o seu fim e, para isso, cita Ezequiel 18, 30: “Agora, eu, o Senhor Deus, estou dizendo a vocês, israelitas, que vou julgar cada um pelo que tem feito. Arrependam-se de todo o mal que estão praticando e não deixem que os seus pecados os destruam.”<sup>174</sup> Nesse sentido, a monja adverte o ser humano para que não se deixe seduzir pelas iniquidades do diabo, e que, reconhecendo os seus pecados, passe a viver uma vida de penitência exaltando virtudes.

Hildegard continua explicando sobre a narrativa da queda no Gênesis. A repugnante nuvem que se espalha e toma uma forma enganadora como uma veia, significa que,

<sup>171</sup> BÍBLIA, 2008, p. 483.

<sup>172</sup> BINGEN, 2015, p. 111.

<sup>173</sup> DRUMMONDT, Albert. **As constituintes da moral medieval católica**: como os vícios humanos se tornaram os sete pecados capitais. Rio de Janeiro: Revista Mundo Antigo-Ano III, v. 3, n. 05, 2014. p. 58. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/340939543\\_As\\_constituientes\\_da\\_moral\\_medieval\\_catolica\\_como\\_os\\_vicios\\_humanos\\_se\\_tornaram\\_os\\_sete\\_pecados\\_capitais](https://www.researchgate.net/publication/340939543_As_constituientes_da_moral_medieval_catolica_como_os_vicios_humanos_se_tornaram_os_sete_pecados_capitais). Acesso em: 02 jun. 2021.

<sup>174</sup> BÍBLIA, 2008, p. 810.

[...] do fundo da perdição, emergiu o embuste do diabo e invadiu a serpente, que já carregava dentro de si o crime da intenção fraudulenta, a fim de enganar a humanidade.<sup>175</sup>

A monja ainda explica porque o diabo escolheu a serpente para ser seu porta-voz:

porque ele compreendeu que a serpente[...] assemelhava-se a ele e estava ansioso por realizar, através da falsidade dela, o que ele não podia fazer abertamente em sua forma própria.<sup>176</sup>

A forma humana, que continha dentro de si estrelas, era Eva, a mãe de toda a raça humana. Mas, o diabo assoprou para longe da região iluminada tanto a nuvem branca quanto a forma humana. Ele tirou a inocência de ambos e o deleite que tinham no paraíso. Hildegard afirma que Eva “foi invadida pelo diabo através da sedução da serpente”<sup>177</sup>. Essa afirmação já desconstrói a visão sobre Eva que o cristianismo tradicional construiu, de que a mulher é a culpada pela queda do ser humano e pelo pecado original. O diabo seduz Eva, justamente, porque ele sabia que a mulher era mais suscetível à conquista e que Adão ardia em amor por sua amada. Logo, ele faria tudo o que Eva quisesse sem ponderar. Hildegard põe um tom quase sexual nessa relação tríade entre Eva, Adão e a serpente. Dá-se a entender que o fruto proibido tenha sido a relação sexual entre Adão e Eva, visto que logo após esta explanação Hildegard continua falando sobre o matrimônio.

Sobre a relação entre homem e mulher no matrimônio, a abadessa de Bingen explica:

Eva foi formada de uma costela pelo calor e vigor enxertados de Adão e, portanto, agora é pela força e calor de um homem que a mulher recebe o sêmen para dar à luz uma criança. De fato, o homem é o sementeiro, mas a mulher é o recipiente da semente. Por conseguinte, a esposa está sob o poder do marido, porque a força do homem está para a suscetibilidade da mulher, assim como a dureza da pedra está para a maciez da terra. Mas o fato de a primeira mulher ser formada da costela do homem significa a união entre esposa e marido. E assim é que deve ser entendido: esta união não deve ser em vão ou feita no esquecimento de Deus, porque aquele que criou a mulher a partir do homem instituiu esta união honorável e virtuosamente, formando carne de carne. Consequentemente, como Adão e Eva eram uma carne, de modo igual agora também homem e mulher se tornam uma carne na união de santo amor para a multiplicação da raça

---

<sup>175</sup> BINGEN, 2015, p. 114.

<sup>176</sup> BINGEN, 2015, p. 114.

<sup>177</sup> BINGEN, 2015, p. 115.

humana. E, portanto, deveria haver amor perfeito nesses dois, tal como havia naqueles primeiros dois.<sup>178</sup>

Hildegard explica também que é possível abdicar do matrimônio, mas somente com a permissão da Igreja e que, de preferência, fosse uma abdição ao mundo, supondo que a pessoa deveria seguir o monacato.

A abadessa cita também a passagem de 1Co 11,12 que afirma: “Porque assim como a mulher foi feita do homem, assim também o homem nasce da mulher. E tudo vem de Deus”<sup>179</sup>. Esta passagem supõe uma mutualidade nos deveres entre homem e mulher, ambos devem trabalhar unidos em todas as situações, pois a mulher foi criada por causa do homem e o homem por causa da mulher<sup>180</sup>.

Após essa explanação sobre a origem do mal, Hildegard segue fazendo várias advertências e afirmações morais do que é correto e do que é incorreto adentrando o tema da sexualidade. Como exemplo: parentes consanguíneos não podem unir-se em matrimônio, esses que no Antigo Testamento podiam se casar, no Novo já não podem mais; para se casar, o homem deveria ser adulto e assumir somente uma esposa de idade núbil; o homem deve evitar poluição ilícita e voluptuosa, quer dizer, um homem não deve jogar a semente fora quando chegar à sua força (supostamente refere-se à masturbação e à relação sexual fora de um casamento), pois essa semente é sagrada, igualmente a mulher não deveria ter relações sexuais durante a menstruação, pois, caso a semente for jogada para dentro dela pode ser que esta seja expelida e desperdiçada; uma mulher não deve entrar no templo depois do parto ou da defloração por um homem; aqueles que têm relações sexuais com grávidas são assassinos. Por fim, Hildegard faz um elogio à castidade, afirmando que “a virgindade foi feita por mim [Deus], pois meu Filho nasceu de uma virgem. E, portanto, a virgindade é o mais belo fruto de todos os frutos dos vales [...]”<sup>181</sup>. Ou seja, Deus fala, através de Hildegard, que as relações sexuais devem ser mantidas honestamente entre homem e mulher quando casados e, mesmo assim, não podem ser banalizadas. Porém, de preferência, que o ser humano não se relacione sexualmente, para permanecer no caminho da pureza da virgindade, pois foi esse ato que levou à queda do ser humano.

---

<sup>178</sup> BINGEN, 2015, p. 116.

<sup>179</sup> BÍBLIA, 2008, p. 1167.

<sup>180</sup> BINGEN, 2015, p. 117.

<sup>181</sup> BINGEN, 2015, p. 127.

Depois que Adão foi expulso do paraíso, Deus cercou o lugar de deleite e a criação se opôs a humanidade. Pois a criação estava sob a humanidade que dela usufruía. Após a desobediência desta, a criação também se mostra rebelde contra o ser humano. E porque Deus fez as pessoas de tal forma que ela fosse rebelde?

O espírito deve ser provado pelo espírito, a carne pela carne, a terra pela água, o fogo pelo frio, a luta pela resistência, o bem pelo mal, a beleza pela deformidade, a pobreza pela riqueza, a doçura pela amargura, a saúde pela doença, o longo pelo curto, o duro pelo macio, o alto pelo profundo, a luz pela escuridão, a vida pela morte, o paraíso pelas punições, o Reino celestial pela geena, as coisas terrenas pelas coisas terrenas, as coisas celestiais pelas coisas celestiais. [...] Vedes claramente apenas algumas poucas coisas dentre muitas que estão ocultas aos vossos olhos. [...] Deus é justo, mas a raça humana é injusta ao transgredir os preceitos de Deus quando pretende ser mais sábia do que Deus.<sup>182</sup>

Percebo que Hildegard chama a atenção das pessoas que ignoram a existência de Deus e, talvez, até critica os grandes debates universitários do século XII, que dizem respeito justamente à existência de Deus, a saber, os debates entre a fé e a razão. Visto que a monja beneditina era devota de uma fé muito contemplativa e pouco especulativa, possivelmente, à Hildegard não agradava as questões filosóficas que botavam a existência de Deus à prova.

Finalmente, a abadessa de Bingen faz elogios às virtudes que considera grandes para a elevação do ser humano, a humildade e a caridade, e prega também a remissão do pecado original.

### 3.1.3 O universo e seu simbolismo<sup>183</sup>

Assim segue a terceira visão:

Depois disso, vi um vasto instrumento, redondo e ensombreado, tendo a forma de um ovo, pequeno no topo, largo no meio e estreito no fundo; fora dele, rodeando sua circunferência, havia fogo brilhando com algo assim como uma zona umbrosa sob ele. E naquele fogo havia um globo de chamas coruscantes, tão grande que todo o instrumento era iluminado por ele, e sobre o qual três pequenas tochas estavam dispostas de tal modo que, pelo fogo delas, elas sustentavam o globo para que não caísse. E aquele globo, às vezes, elevava-se por si só, de modo que muito fogo voava para ele e,

<sup>182</sup> BINGEN, 2015, p. 130-131.

<sup>183</sup> Na tradução alemã está: Mensch und Kosmos, que significa: Ser humano e cosmos. BINGEN, 1954, p. 109.

através disso, suas chamas duravam por mais tempo; e algumas vezes afundava, e grande frio se achegava a ele, de modo que suas chamas eram mais facilmente dominadas. Todavia, do fogo que rodeava o instrumento, saía uma rajada como redemoinhos, e da zona abaixo dele, arrojava-se outra rajada com seus próprios redemoinhos, que se difundiam para lá e para cá, por todo o instrumento. Naquela zona, outrossim, havia um fogo escuro de tão grande horror, que eu não podia olhar para ele, cuja força abalou toda a zona, cheio de trovão, tempestade e pedras extremamente afiadas, tanto pequenas quanto grandes. E enquanto fazia ouvir seus trovões, o fogo brilhante e os ventos, e o ar estavam em convulsão, de modo que lampejos precediam aqueles trovões; com efeito, o fogo sentia dentro de si a turbulência do trovão.

Contudo, sob aquela zona, havia puríssimo éter, sem nenhuma zona abaixo de si, e nele, vi um globo de fogo branco e de grande magnitude, sobre o qual estavam colocadas duas tochinhas, segurando aquele globo para que ele não excedesse a medida de seu curso. E naquele éter estavam dispersas muitas esferas brilhantes, dentro das quais o globo branco de vez em quando se derramava e emitia seu esplendor; em seguida, voltava para debaixo do globo de fogo vermelho e renovava suas chamas a partir dele; a seguir, uma vez mais, enviava-as para dentro aquelas esferas. E daquele éter também saía uma rajada com seus redemoinhos, a qual se espalhava por toda parte ao longo do instrumento.

E sob aquele éter, vi um ar aquoso, com uma zona branca sob ele, o qual se difundia aqui e ali e espalhava umidade por todo o instrumento. E quando ela repentinamente se contraía, enviava uma chuva repentina com grande rumor, e quando se espalhava suavemente, concedia que caísse uma chuva agradável e branda. Mas dele também saiu uma rajada com seus redemoinhos, a qual espalhou-se por todo o supramencionado instrumento.

E no meio desses elementos encontrava-se um globo arenoso de grande extensão, rodeado de tal maneira por esses elementos que ele não podia oscilar em nenhuma direção. Mas, dado que esses elementos e essas rajadas disputavam entre si, devido a sua força, eles o fizeram mover-se um pouco.

E eu vi, entre o norte e o leste, uma grande montanha que, ao norte, tinha grande escuridão, a ao leste, tinha grande luz, mas de tal maneira que a luz não podia alcançar a escuridão, nem a escuridão a luz.<sup>184</sup>

---

<sup>184</sup> BINGEN, 2015, p. 139-140.

Figura 4 - O universo



Fonte: <https://visualmelt.com/Hildegard-von-Bingen>. Acesso em 05 out. 2021, 16: 07h.

A primeira frase que se lê após a descrição da visão é, “o visível e temporal são uma manifestação do invisível e eterno”<sup>185</sup>. De maneira que Deus criou todas as coisas para que Ele fosse conhecido e glorificado, mostrando não somente o visível e temporal, mas também o invisível e eterno<sup>186</sup>. Percebo que isso se remete à fé cristã, que torna possível reconhecer o que é invisível e eterno. O visível seria o mundo no qual vivemos, as coisas que podemos ver, que são palpáveis e medíveis, porém, tudo isso é também temporal, tem um início e um fim. O invisível seria a experiência mística que cada ser humano espiritualizado tem a possibilidade de conhecer, como aprender sobre si mesmo, sobre Deus e a grandeza imensurável do universo. O eterno se refere a fé de que a vida depois da morte física continua e que o Reino de Deus espera todas as criaturas humildes que viveram em penitência.

O ovo é interpretado como o firmamento e “[...] mostra fielmente o Deus Onipotente, incompreensível em sua majestade e inestimável em seus mistérios e na esperança de todos os fiéis”<sup>187</sup>. Logo, o ovo representa a vida que se renova através da esperança. Saliento que a arte que Hildegard constrói desta visão se

<sup>185</sup> BINGEN, 2015, p. 140.

<sup>186</sup> BINGEN, 2015, p. 140.

<sup>187</sup> BINGEN, 2015, p. 141.



assemelha a uma vagina, carregando elementos que lembram exatamente este órgão feminino. Esta observação torna ainda mais interessante a representação que a monja faz do universo. Poderíamos interpretar o ovo como o útero, onde é gerada a vida e renovada a esperança.

#### O fogo brilhante

[...] mostra que Deus consome, pelo fogo da sua vingança, todos os que estão fora da verdadeira fé, e aqueles que permanecem dentro da fé católica, ele purifica-os pelo fogo de sua consolação.<sup>188</sup>

O ensombreado seria a escuridão que Deus joga sobre o diabo, assim como fez no paraíso quando o diabo se opôs ao seu criador<sup>189</sup>.

Adiante, Hildegard descreve o Deus Pai como o Sol da Justiça; as três tochas que sustentam o globo, como a Trindade; traz a elevação do sol como a fecundação da Virgem Maria e a descida do sol como as tribulações que o Filho Unigênito sofreu estando na terra. Através da citação dos Atos dos Apóstolos 1, 9 – “Depois de ter dito isso, Jesus foi levado para o céu diante deles. Então uma nuvem o cobriu, e eles não puderam vê-lo mais”<sup>190</sup> –, a monja faz referência clara à ascensão de Cristo.

#### O primeiro vento e seus redemoinhos,

[...] mostra que do Altíssimo Deus [...] a verdade irrompe e difunde com palavras de justiça, o que deveras mostra à humanidade o mesmo Deus vivo e verdadeiro.

O segundo vento e seus redemoinhos significam o diabo lançando a discórdia com seus discursos perversos e fazendo com que rumores inúteis circulem pelo mundo<sup>191</sup>. O fogo escuro, o trovão e as pedras afiadas significam a sedução do diabo vomitando (produzindo) assassinos, “[...] porque o assassinato inclui em seu horror todas as malignidades diabólicas”<sup>192</sup>. Hildegard cita também a avareza, a embriaguez e a dureza de coração como sendo coisas que se proliferam em assassinos e em pessoas com vícios menores<sup>193</sup>. No século XII, devido à ascensão das cidades, o movimento das Cruzadas, às guerras e o aumento da atividade

<sup>188</sup> BINGEN, 2015, p. 141.

<sup>189</sup> BINGEN, 2015, p. 141.

<sup>190</sup> BÍBLIA, 2008, p. 1090.

<sup>191</sup> BINGEN, 2015, p. 143.

<sup>192</sup> BINGEN, 2015, p. 143-144.

<sup>193</sup> BINGEN, 2015, p. 144.

comercial houve o crescimento da avareza no ser humano. Acredito ser exatamente isso que a monja beneditina condena nesta parte da visão, visto que o ser humano estava mais preocupado com o que era de César<sup>194</sup>.

O éter seria uma interpretação da “mais serena fé”. O globo de fogo branco, a igreja Invencível. As duas tochas segurando o globo seriam os dois testamentos, os quais mantêm a Igreja dentro do curso certo das coisas, para que ela não se precipite em uma variedade de práticas diferentes<sup>195</sup>.

O terceiro vento e seus redemoinhos mostram que,

[...] da unidade da fé, a fim de ajudar a humanidade, provém uma forte tradição de asserções verdadeiras e perfeitas que penetram rapidamente nos confins da terra.<sup>196</sup>

A unidade da fé é a Igreja que abre o caminho para que as pessoas encontrem a verdade.

Hildegard faz referência ao batismo quando fala do ar aquoso e a zona branca e traz a seguinte reflexão sobre o batismo:

[...] de fato, sob a fé possuída pelos antigos e modernos pais, o batismo na Igreja para a salvação dos crentes é verdadeiramente mostrado a ti, o qual, fundado na bem-aventurada inocência e na estabilidade, propaga a si mesmo por toda a parte por divina inspiração e traz para o mundo inteiro as superabundantes águas da salvação para os crentes.<sup>197</sup>

O quarto vento e seus redemoinhos representam “a inundação do batismo”<sup>198</sup> que traz a salvação para quem crer. O globo arenoso da terra mostra que,

[...] de todas as forças da criação de Deus, a da humanidade é mais profunda, feita de maneira maravilhosa, com grande glória, do pó da terra é tão entretecida com as forças do resto da criação que ela jamais pode ser separada deles.<sup>199</sup>

Nesta ocasião, Hildegard cita o Salmo 8, 6-7 – “Tu lhe deste poder sobre tudo o que criaste; tu puseste todas as coisas debaixo do domínio dele: as ovelhas e o gado e

<sup>194</sup> Conforme Mateus 22, 21b: Deem ao Imperador o que é do Imperador e deem a Deus o que é de Deus. BÍBLIA, 2008, p. 964.

<sup>195</sup> BINGEN, 2015, p. 145.

<sup>196</sup> BINGEN, 2015, p. 145.

<sup>197</sup> BINGEN, 2015, p. 146.

<sup>198</sup> BINGEN, 2015, p. 146.

<sup>199</sup> BINGEN, 2015, p. 147.

os animais selvagens também;”<sup>200</sup> – e reconhece que Deus deu intelecto e conferiu grandes maravilhas e dignidades aos seres humanos<sup>201</sup>.

A abadessa cita na visão o movimento da terra, aspecto este que é interessante acentuar para compreender o quão observadora Hildegard era para se dar conta, no século XII, que a terra se movia. A grande montanha entre norte e leste “mostra a grande escolha da humanidade entre a impiedade diabólica e a bondade divina”<sup>202</sup>, ou seja, o ser humano tem a liberdade (o que chamamos de livre arbítrio) para escolher em qual lado da montanha vai seguir caminho. Embora o diabo tente alcançar o lado da luz através de falsos profetas, de pessoas pagãs, de hereges, as obras da luz não descem até as obras das trevas e vice-versa<sup>203</sup>.

Por fim, Hildegard repreende quem procura através do uso da magia, da adivinhação ou da astrologia, saber o futuro, pois apenas Deus tem o poder de predeterminar as coisas. Logo, procurar saber o que vai acontecer amanhã seria relegar o Altíssimo ao esquecimento. Porém, pela vontade divina é possível ver sinais através dos astros, como afirma o evangelho de Lucas 21, 25 – “Haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas”<sup>204</sup> –, assim como foi apontada por uma estrela a Encarnação do Filho de Deus<sup>205</sup>.

### 3.1.4 A alma e o corpo<sup>206</sup>

Segue a quarta visão:

Então vi um imenso e sereno esplendor, chamejante, por assim dizer, com muitos olhos, com quatro chifres apontando em direção aos quatro cantos do mundo, o que me foi manifesto no maior mistério, para mostrar-me o segredo do Criador Supremo; e nele apareceu outro esplendor como a aurora, contendo em si mesmo um brilho de púrpura radiante. E eis que vi sobre a terra pessoas carregando leite em vasos de barro e fazendo queijos dele; e uma parte era espessa, e desta faziam-se queijos fortes; e outra parte era fina, e dela coagulavam-se queijos fracos; e uma parte era misturada com corrupção, e dela formavam-se queijos amargos. E eu vi a imagem de uma mulher que tinha uma perfeita forma humana em seu ventre. E

<sup>200</sup> BÍBLIA, 2008, p. 508.

<sup>201</sup> BINGEN, 2015, p. 147.

<sup>202</sup> BINGEN, 2015, p. 148.

<sup>203</sup> BINGEN, 2015, p. 148.

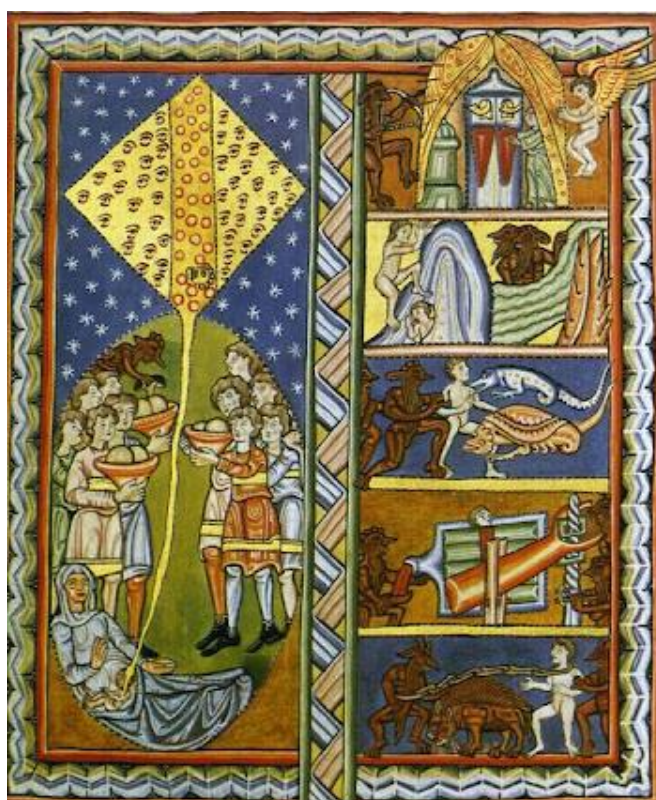
<sup>204</sup> BÍBLIA, 2008, p. 1046.

<sup>205</sup> BINGEN, 2015, p. 149.

<sup>206</sup> Na tradução alemã está: Die Seele und ihr Zelt, que significa: A alma e sua tenda. BINGEN, 1954, p. 120.

eis que, pelo secreto desígnio do Supernal Criador, aquela forma mexia-se com movimento vital, de modo que um globo ígneo que não tinha traços humanos tinha a posse do coração daquela forma e tocava seu cérebro e se espalhava por todos os seus membros. Mas, então, esta forma humana, vivificada desta maneira, adiantava-se do ventre da mulher e mudava sua cor de acordo com os movimentos que o globo fazia naquela forma. E eu vi que muitos redemoinhos, todos juntos, agrediam um daqueles globos e o abaixaram até o chão; mas, recuperando sua força e elevando-se bravamente, resistiu-lhes corajosamente e disse com um gemido.<sup>207</sup>

Figura 5 - Corpo e alma



Fonte: <http://dimensaodaescrita.blogspot.com/2016/05/a-obra-scivias-de-santa-hildegard-von.html>  
Acesso em: 05 out. 2021, 16:13h.

<sup>207</sup> BINGEN, 2015, p. 161.

Figura 6 - A alma e seu tabernáculo



Fonte: <http://dimensaodaescrita.blogspot.com/2016/05/a-obra-scivias-de-santa-hildegard-von.html>  
Acesso em: 05 out. 2021, 16:13h.

Esta é uma visão em que uma alma peregrina e solitária vaga em busca de seu tabernáculo. A alma significa a consciência, o intelecto humano, e o tabernáculo o corpo. Segundo Newman, os lamentos da alma lembram as lamentações do povo de Israel que, perdidos no deserto, buscavam a terra prometida<sup>208</sup>. A alegoria de mãe e filha é fortemente tratada, visto que a alma procura o embrião para fazer a infusão, ou seja, estar novamente ligada a um corpo. Os primeiros pontos exegéticos a respeito desta visão narram a alma perdida e se lamentando. Até que ela encontra o seu lugar: “E cheguei a um tabernáculo, cujo interior era do mais forte aço. E, entrando, realizei obras de esplendor onde anteriormente eu havia feito obras das trevas”<sup>209</sup>. Em seguida, essa alma fortaleceu o tabernáculo em todas as direções, norte, sul, leste e oeste e, quando os inimigos atacaram essa estrutura com flechas, não conseguiram adentrar o lugar. Tentaram derrubar o tabernáculo com rajadas de água e não conseguiram. Então, a alma zomba desses inimigos

<sup>208</sup> NEWMAN, 2015, p. 56.

<sup>209</sup> BINGEN, 2015, p. 166.

dizendo: “O arquiteto que construiu este tabernáculo era mais sábio e mais forte que vós”<sup>210</sup>.

Esta visão nos remete, supostamente, a uma crise existencial de Hildegard. No caso, a alma que lamenta seria a própria monja em seus questionamentos perante a sua vida e seu corpo. Na própria visão, ela afirma: “Mas eu, frágil e iletrada”<sup>211</sup>, que era a forma com a qual a abadessa se enxergava, e continua assim:

sou uma pobre coisa insignificante, mas tenho um grande dever. Ah, o que sou eu? E qual é o tema de meu clamor? Sou o hálito vivente de um ser humano, colocado em um tabernáculo de medula, artérias, ossos e carne, concedendo-lhe vitalidade e apoiando cada um de seus movimentos. Mas, ai! Sua sensibilidade ocasiona sujeira, licenciosidade e promiscuidade de comportamento, e todo tipo de vício.<sup>212</sup>

Portanto, o corpo é falível ao pecado, possui desejos terrenos e carnis que são obras do diabo. Quem nunca fez a si própria estas perguntas quanto à existência? Afinal, o corpo é feito de carne e, por isso, possui desejos os quais entendo que seriam aqueles como: comer, beber, desejos sexuais, conforto, etc., porém, essa carne e esses desejos levam ao pecado.

O pecado e as tentações do diabo são representados pelos redemoinhos que tentam mover o globo.

[...] Os redemoinhos contam-me mentiras em muitas vozes, que se levantam dentro de mim, dizendo: “Quem és tu? E o que estás a fazer? E o que são essas batalhas que estás enfrentando? És, certamente, infeliz, pois não sabes se tua obra é boa ou má. Aonde irás? E quem te salvará? E o que são estes erros que estão a levar-te à loucura? Estás a fazer o que te agrada? Estás fugindo daquilo que te aflige? Ó, o que farás quando souberes isso e fores ignorante daquilo? Com efeito, o que te deleita não te é lícito, e o que te aflige, o preceito de Deus te força a fazer. E como sabes se estas coisas são assim? Seria melhor para ti se não existisses!”<sup>213</sup>

Em seguida, surgem questionamentos como: “quem é Deus?”<sup>214</sup>, assim como nasce através da enganosa serpente que, do mesmo modo que enganou Adão e Eva, engana hoje os seres humanos que são nascidos e nascidas já com o pecado dos primeiros seres. Desta forma, uma questão teológica que Hildegard von Bingen aborda nesta visão, é sobre o pecado original. É este que faz com que a carne

<sup>210</sup> BINGEN, 2015, p. 166.

<sup>211</sup> BINGEN, 2015, p. 167.

<sup>212</sup> BINGEN, 2015, p. 167.

<sup>213</sup> BINGEN, 2015, p. 168-169.

<sup>214</sup> BINGEN, 2015, p. 170.

humana seja frágil, falível e hedonista; Por causa do pecado original, a alma tem que estar em incessante alerta em seu tabernáculo, para que, de fato, nada que seja mundano encontre a entrada ou consiga penetrar neste lugar.

Posteriormente, a monja sugere como dominar a ira, o ódio e o orgulho:

Quando a ira tentar incendiar meu tabernáculo, olharei para a bondade de Deus [...] e assim serei mais doce do que o ar [...]. E quando o ódio tentar obscurecer-me, olharei para a misericórdia e para o martírio do Filho de Deus, e, assim, controlarei a minha carne [...]. E quando o orgulho tentar construir em mim uma torre de vaidade [...], sempre querendo ser maior do que o resto [...], eu olho para Deus, que me deu a vida, e recorro à bem-aventurada Virgem, que calcou sob os pés o orgulho do abismo antigo, e assim sou transformada em uma forte pedra do edifício de Deus.<sup>215</sup>

Em resumo, Hildegard combate os males da ira, do ódio e do orgulho com a virtude da humildade, tendo a certeza de que assim Deus faria coisas maravilhosas. Deus é o criador e libertou os seres humanos pecadores, trazendo vida nova a quem se arrepende de todo o coração.

Em seguida, Hildegard fala sobre as desigualdades humanas e suas diversidades através da metáfora dos queijos fortes e fracos. Segundo a abadessa, os queijos fortes foram concebidos pelo sêmen de um homem amadurecido e são a representação dos povos fortes, enérgicos, “a quem são dados dons espirituais e corporais brilhantes por seus grandes e nobres ancestrais”<sup>216</sup>. Nestes povos o diabo não encontra morada. Porém, há também aqueles queijos fracos, que são advindos de um sêmen não amadurecido e formam povos fracos, tolos e inúteis para realizar a obras de Deus. Deste mesmo queijo fraco, se misturado com a corrupção, pode-se criar queijos amargos, os quais nascem de um sêmen ejaculado na fraqueza e na confusão; este, por sua vez, produz povos deformados, amargurados, opressores e “incapazes de erguer suas mentes a coisas mais elevadas”<sup>217</sup>. A seguir, Hildegard fala sobre as crianças que nascem atrofiadas ou com deficiências, isto seria por responsabilidade de seus parentes que se uniram no “esquecimento de mim [Deus] e na zombaria do diabo”<sup>218</sup>.

Hildegard continua explicando que, é no nascimento que a alma se acomoda ao corpo e mostra seus poderes através de seu tabernáculo. Alma e corpo estão

<sup>215</sup> BINGEN, 2015, p. 170-171.

<sup>216</sup> BINGEN, 2015, p. 176.

<sup>217</sup> BINGEN, 2015, p. 176.

<sup>218</sup> BINGEN, 2015, p. 177.

indiscutivelmente ligados por poderes naturais: o intelecto ou o julgamento moral, a razão e os sentidos. Ambos, alma e corpo, devem interagir harmoniosamente, embora o corpo possa transgredir pelas tentações do diabo.

A monja fala misteriosamente sobre os poderes da alma como o intelecto, a vontade e a razão. Para ela, “assim como o alimento sem sal é insípido, os outros poderes da alma, sem o intelecto, são sem sabor e indiscerníveis”<sup>219</sup> e “onde o coração está no corpo, ali o intelecto está na alma”<sup>220</sup>. Quanto à vontade, Hildegard explica que, “a vontade ativa a obra, a mente a recebe, e a razão a produz”<sup>221</sup> e “a vontade realiza toda obra, seja ela boa, seja má”<sup>222</sup>. A razão “manifesta-se como o alto som da alma, que torna conhecida cada obra de Deus ou da humanidade [...], a alma emite o som da razão ao ouvido e ao entendimento da humanidade”<sup>223</sup>. Tem-se, portanto, uma aprovação ao uso da razão para compreender a obra divina, mesmo que Hildegard propriamente não tenha feito parte das discussões teológicas do século XII, ela entende que a razão faz parte essencial do ser humano e deve ser usada em favor das boas obras.

Finalmente, a monja conclui com um pequeno sermão onde Deus fala à humanidade: “abri vossos olhos e ouvidos e obedecerei aos meus preceitos!”<sup>224</sup> O sermão tem como objetivo abrir os olhos dos que estão cegos, dar de comer aos que estão famintos, a fim de que todas as pessoas possam reconhecer o Reino de Deus e se arrepender das iniquidades as quais o corpo faz a alma transgredir.

Portanto, quem quer que tenha o conhecimento no Espírito Santo e asas da fé, não ignore minha admoestação, mas experimente-a, abrace-a, e receba-a em sua alma.<sup>225</sup>

### 3.1.5 A Sinagoga<sup>226</sup>

A quinta visão segue assim:

---

<sup>219</sup> BINGEN, 2015, p. 180.

<sup>220</sup> BINGEN, 2015, p. 180.

<sup>221</sup> BINGEN, 2015, p. 180.

<sup>222</sup> BINGEN, 2015, p. 181.

<sup>223</sup> BINGEN, 2015, p. 182.

<sup>224</sup> BINGEN, 2015, p. 186.

<sup>225</sup> BINGEN, 2015, p. 193.

<sup>226</sup> Na tradução alemã está: Die Synagoge, que significa: A Sinagoga. BINGEN, 1954, p. 136.



Depois disso, vi a imagem de uma mulher, pálida da cabeça ao umbigo, e negra do umbigo aos pés; seus pés eram vermelhos, e ao redor dos pés havia uma nuvem da mais pura alvura. Ela não tinha olhos, e havia posto as mãos nas axilas; ela estava de pé junto ao altar que se encontra diante dos olhos de Deus, mas ela não o tocou. E em seu coração, achava-se Abraão, e em seu peito, Moisés, e em seu ventre, o restante dos profetas, cada um mostrando seus símbolos e admirando a beleza da Igreja. Ela era de grande estatura, como a torre de uma cidade, e tinha na cabeça um aro como a aurora.<sup>227</sup>

Figura 7 - A Sinagoga



Fonte: <http://dimensaodaescrita.blogspot.com/2016/05/a-obra-scivias-de-santa-hildegard-von.html>  
Acesso em: 05 out. 2021, 16:13h.

Conforme a perspectiva de Hildegard, a Sinagoga é a “mãe da Encarnação do Filho de Deus”<sup>228</sup>, a Sinagoga seria a Igreja do Antigo Testamento, uma versão anterior do que seria a Igreja hoje. Porém, o tempo da Sinagoga já passou e a Igreja nasceu depois da morte do Filho de Deus. “A Igreja está rodeada de guardiães angélicos para impedir que o diabo a fira e a desencoraje, enquanto a Sinagoga, abandonada por Deus, jaz no vício”<sup>229</sup>.

A cor negra que se vê do umbigo até os pés, significa que

<sup>227</sup> BINGEN, 2015, p. 197.

<sup>228</sup> BINGEN, 2015, p. 197.

<sup>229</sup> BINGEN, 2015, p. 198.

desde o tempo da plenitude de sua força até o fim de seu tempo, ela foi conspurcada pelo desvio da Lei e pela transgressão da herança de seus pais, pois ela desconsiderou os preceitos divinos [...] e seguiu os prazeres da carne.<sup>230</sup>

Os pés vermelhos indicam o sangue de Cristo derramado, ou seja, Hildegard entende que a sinagoga “matou o Profeta dos Profetas e, portanto, escorregou e caiu, ela própria.”<sup>231</sup> A nuvem de uma cor branco claríssima significa a fé aguda que surgiu no coração das pessoas crentes e, enquanto a sinagoga acaba, a igreja surge após a morte do Filho de Deus<sup>232</sup>.

A cegueira da mulher indica que

a Sinagoga não olhou para a verdadeira luz, visto que ela ofendeu o Unigênito de Deus e oculta a obras da justiça sob a apatia de sua ociosidade, permanecendo em seu torpor e negligência, ocultando-os como se não existissem.<sup>233</sup>

A Sinagoga não reconheceu o Filho de Deus. Os pés juntos da mulher significam que ela tampouco conhecia a Lei de Deus, pois não havia se movido uma única vez em direção ao altar para o qual ela estava de frente. Em seu coração está Abraão, “pois ele foi o começo da circuncisão da Sinagoga”<sup>234</sup>. Em seu peito está Moisés, “pois ele trouxe a Lei divina para os corações dos seres humanos”<sup>235</sup> e em seu ventre se encontram os outros profetas, que admiram a beleza da Igreja.

A altitude da Sinagoga significa a grandeza que recebeu

das leis divinas e assim prenunciou os baluartes e as defesas da Cidade nobre e escolhida. E ela tem na cabeça um aro como a aurora, porque prefigurava em seu surgimento o milagre do Unigênito de Deus e predizia as luminosas virtudes e os mistérios que se seguiram.<sup>236</sup>

Finalmente, Hildegard faz uma analogia entre a história de Dalila, que traiu seu marido Sansão, afirmando que, deste mesmo modo, a Sinagoga se esqueceu do Filho de Deus, “menosprezando-o teimosamente e rejeitando-lhe a doutrina”<sup>237</sup>.

Esta visão é uma representação clara da crítica de Hildegard ao judaísmo, a quem ela procurava converter. A monja afirma que a sinagoga já não deveria mais

<sup>230</sup> BINGEN, 2015, p. 199.

<sup>231</sup> BINGEN, 2015, p. 199.

<sup>232</sup> BINGEN, 2015, p. 199.

<sup>233</sup> BINGEN, 2015, p. 199.

<sup>234</sup> BINGEN, 2015, p. 199.

<sup>235</sup> BINGEN, 2015, p. 199.

<sup>236</sup> BINGEN, 2015, p. 200.

<sup>237</sup> BINGEN, 2015, p. 201.

existir, visto que era a religião do Antigo Testamento. E, depois que o Filho de Deus é crucificado e rejeitado pela própria sinagoga, a mesma deveria ser extinta para dar lugar à Igreja.

Contudo, esta é uma visão antiquada que não cabe mais ser discutida nos dias de hoje. Afinal, Hildegard é filha de sua época e no século XII o cristianismo estava se disseminando fortemente e impondo aos povos não cristãos as suas verdades. A própria monja se movia com questões à frente de seu tempo por um lado, e por outro ela se encontrava exatamente com as discussões do momento. Nesse sentido, portanto, achava-se que quem não se convertia ao cristianismo, não era boa pessoa.

### 3.1.6 Os coros dos anjos<sup>238</sup>

Segue a sexta, e última, visão:

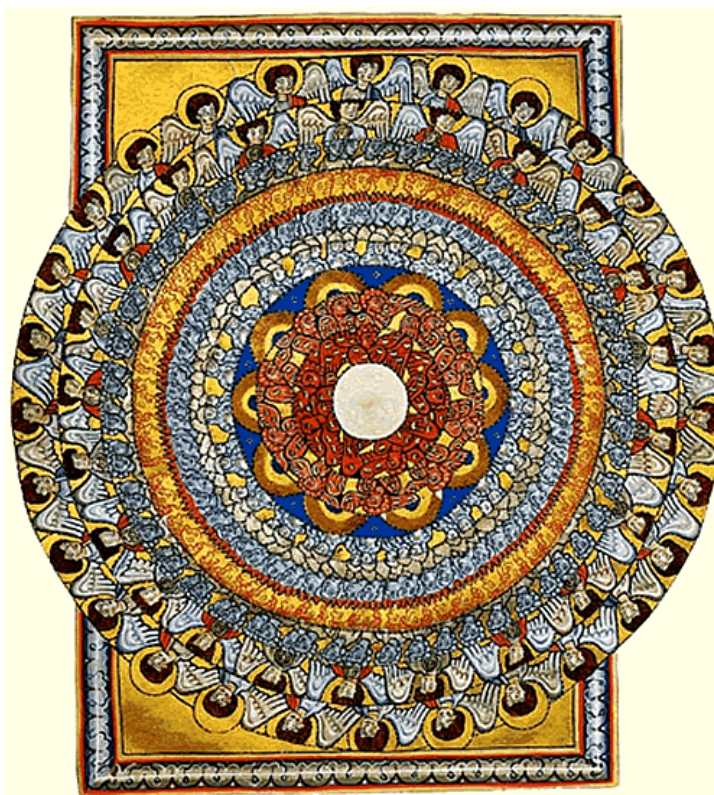
Então eu vi, nos lugares secretos, nas alturas do céu, dois exércitos de espíritos celestes que brilhavam com grande esplendor. Os espíritos de um dos exércitos tinham asas em seus peitos, com formas como formas humanas diante deles, nas quais traços humanos se mostravam como se em água clara. Os do segundo exército também tinham asas nos peitos, que mostravam formas, como formas humanas, nas quais a imagem do Filho do Homem brilhava como em um espelho. E eu não podia ver nenhuma outra forma, nem nestes nem nos outros. Esses exércitos estavam dispostos em forma de uma coroa ao redor de outros cinco exércitos. Os espíritos do primeiro destes cinco exércitos pareciam ter formas humanas que brilhavam com grande esplendor dos ombros para baixo. Já os do segundo brilhavam com grande luminosidade que eu não podia olhar para eles. Os do terceiro tinham a aparência de mármore branco e cabeças como cabeças humanas, sobre as quais ardiam tochas, e, dos ombros para baixo, eles estavam rodeados por uma nuvem cinza-escuro. Os que pertenciam ao quarto tinham formas como formas humanas e pés como pés humanos, e usavam capacetes em suas cabeças, e túnicas de mármore. E aqueles do quinto nada tinham de humano em sua aparência, e emitiam um brilho vermelho, como a aurora. E eu não vi nenhuma forma neles. Mas estes exércitos estavam também dispostos como uma coroa ao redor de dois outros. Os do primeiro destes outros exércitos pareciam estar cheios de olhos e de asas, e em cada olho aparecia um espelho, e em cada espelho uma forma humana, e eles levantavam suas asas, a uma altura celestial. E os do segundo ardiam como fogo, e tinham muitas asas, nas quais mostravam como que um espelho todas as hierarquias da Igreja dispostas em ordem. E não vi nenhuma forma nem nestes nem nos outros. E todos estes exércitos estavam contando com vozes maravilhosas todos os tipos de música acerca

---

<sup>238</sup> Na tradução alemã está: Die Engel, que significa: Os anjos. BINGEN, 1954, p. 140.

das maravilhas que Deus opera nas almas bem-aventuradas, e, mediante isso, Deus era magnificamente glorificado.<sup>239</sup>

Figura 8 - Os coros dos anjos



Fonte: <http://oremos.canalblog.com/archives/2018/07/03/36532688.html> . Acesso em 05 out. 2021, 16:06h.

Hildegard começa afirmando que Deus “não teve nenhum começo e não deixará de ser, quando todos os tempos terminarem”<sup>240</sup>, ou seja, Deus não existe na realidade, pois se existisse, seria finito como todas as coisas sobre a terra<sup>241</sup>.

Os anjos são os que espalham “os desejos nas profundezas de suas mentes como asas; [...] eles mostram em si mesmos a beleza da razão, mediante a qual Deus perscruta intimamente os atos humanos”<sup>242</sup>. Os arcanjos são os que “contemplam a vontade de Deus nos desejos do intelecto deles e mostram em si mesmos a beleza da razão”<sup>243</sup>. Os querubins representam “o conhecimento de Deus, pelo qual eles veem os mistérios dos segredos celestiais e realizam seus

<sup>239</sup> BINGEN, 2015, p. 205-206.

<sup>240</sup> BINGEN, 2015, p. 206.

<sup>241</sup> Sobre isso, vale acentuar que, posteriormente, o teólogo Paul Tillich discorre em sua obra sistemática. TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**: três volumes em um. Trad. Getulio Bertelli, Geraldo Korndorfer. 5 ed., São Leopoldo: Sinodal, 2005.

<sup>242</sup> BINGEN, 2015, p. 207.

<sup>243</sup> BINGEN, 2015, p. 207.

desejos de acordo com a vontade de Deus”<sup>244</sup>. Os serafins “mostram [...] as hierarquias, tanto seculares quanto espirituais, que florescem nos mistérios da Igreja, pois os segredos de Deus se mostram [...] neles”<sup>245</sup>.

Segundo Newman, os detalhes alegóricos desta visão sugerem que os anjos e os arcanjos significam o corpo e a alma; os querubins e serafins, o conhecimento e o amor de Deus; e as outras cinco ordens representam os cinco sentidos<sup>246</sup>. E explica também que, na visão de Hildegard, essa hierarquia celestial representa, igualmente, a hierarquia dos seres humanos na terra.

A imagem que se pintou desta visão é tal como uma mandala disposta em nove camadas. Conforme a fé católica, Hildegard cria que os anjos realmente eram criaturas celestes advindas da criação de Deus, ou seja, tal como Deus criou as coisas na terra também o fez no céu. Logo, esta visão vem como uma representação dos céus, visto que antes ela falava das coisas terrenas.

---

<sup>244</sup> BINGEN, 2015, p. 210.

<sup>245</sup> BINGEN, 2015, p. 211.

<sup>246</sup> NEWMAN, 2015, p. 58.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de uma longa jornada. Eu ainda consigo lembrar do primeiro questionamento que fiz quando decidi elaborar um trabalho complexo como este: porque não estudamos as teologias feitas por mulheres na Idade Média? Eu sabia que era impossível não ter existido mulheres teólogas no passado. Agora, depois de dois anos de pesquisa, vejo que, de fato, algo estava errado. Há, não somente uma, mas várias mulheres que foram além do papel a elas destinado na Idade Média e que conquistaram espaço de fala, mesmo que suas vozes tenham sido mais tarde novamente abafadas.

Neste ponto, já com mais clareza da figura que Hildegard von Bingen representou no século XII, podemos afirmar que ela tem relevância na história da teologia pela grande contribuição que seus escritos trazem à essa ciência. Esta pesquisa aclara apenas uma ponta do grande *iceberg* de informações que podemos encontrar nas obras da monja. Há muito mais a ser explorado, como as abordagens no campo da medicina e da biologia que se entrelaçam com o misticismo teológico hildegardiano.

A partir da descrição e contemplação das visões do primeiro livro do Scivias, conseguimos uma abrangência maior do pensamento hildegardiano, ao menos em relação ao criador e a criação. Nota-se que é uma perspectiva muito inclinada ao catolicismo beneditino que, inclusive, a monja salienta várias vezes durante a explicação das visões. É possível afirmar que a principal condutora para chegarmos à uma perspectiva teológica de Hildegard von Bingen é a mística. O misticismo seria o pano de fundo, o caminho principal no qual a abadessa percorre ao fazer teologia e todos os outros elementos que a caracterizam – profetiza, teóloga, filósofa e até médica –, se acrescentam a partir dessa experiência mística. Neste caso, seria mais correto denominar Hildegard como uma profetiza mística, teóloga mística, etc.

Por outro lado, o que caracteriza esse misticismo é, excepcionalmente, o dom da visão que torna a teologia da monja contemplativa. Outro aspecto desta teologia é a profecia e esta característica torna a teologia hildegardiana ativa, faz a monja estar em movimento para alcançar aquilo que lhe foi destinado: espalhar a mensagem do Evangelho à todas as pessoas. Nesse sentido, o papel profético de Hildegard está ligado à mística, pois é através dessa que ela tem acesso à

mensagem divina. E, por mais que a mística carregue a característica de ser passiva, a abadessa transforma este elemento em atividade. Ela não se contenta em apenas contemplar a teologia, mas procura colocá-la em prática. Isto a distingue dos monges, clérigos e teólogos do século XII. O profetismo de Hildegard se explica pelo fato de a monja não falar por ela mesma, mas em nome de Deus. É Ele quem age através da abadessa e isso ela deixa exposto na interpretação das visões. Segundo a definição trazida por Nichols e Shank, “[...] profeta é aquela que vive sob obediência direta do Espírito Santo para que a sua vida, ações e palavras sejam, em todos os momentos, um sinal de Deus no mundo (tradução nossa).”<sup>247</sup> Essa afirmação vai diretamente de encontro com a vida que a monja beneditina abraçou, se colocando como um meio, um instrumento moldado por Deus. Conforme a afirmação do profeta Isaías: “Nós somos o barro, tu és o oleiro”<sup>248</sup>, ou seja, Deus nos molda, porque somos a sua criação.

Nota-se que este primeiro livro é disposto em uma determinada ordem, veja: a primeira visão é sobre Deus que se mostra a Hildegard; a segunda diz respeito à criação do mundo; a terceira segue para o entendimento do universo, do cosmos, dos elementos concretos que Deus criou; a quarta sobre o que compõe o ser humano, a alma, o corpo, o intelecto, etc.; a quinta visão parte para a Igreja, um fator externo ao ser humano, mas que o conecta com Deus; e por fim, a criação celeste, a hierarquia dos anjos, que seria igual à dos seres humanos. Em síntese, este primeiro livro se trata da relação do criador com a sua criação e vice-versa.

Da mesma forma, esclarece a analogia do macrocosmos e do microcosmos, discorre sobre como o ser humano enxerga a si mesmo e o como ele se vê no mundo. Hildegard entendia que o mundo, a terra, as plantas, as pedras, os animais, os astros, o sol, a lua e todo o universo estavam conectados aos seres humanos. O humano é o cosmos, é poeira de estrela, é o pó da terra... e está ligado a todo o universo, bem como o universo está para ao ser humano. Assim sendo, a teologia hildegardiana é cosmológica. Isso quer afirmar que o ser humano está integrado à natureza através da criação, como afirma Marder:

---

<sup>247</sup> [...] a prophet is one who lives in direct submission to the Holy Spirit in order that, by [her] life, actions, and words, [she] may at all times, be a sign of God in the world of men. NICHOLS, John A.; SHANK, Lillian Thomas. **Medieval religious women**. Kalamazoo: Cistercian, v. 2, 1984. p. 86.

<sup>248</sup> BÍBLIA, 2008, p. 718.

Hildegard detecta no ser humano uma imagem condensada de toda a criação, um pequeno fac-símile do mundo. Como ela observa: “o ser humano contém em si a semelhança do céu e da terra” (tradução nossa).<sup>249</sup>

Portanto, se o ser humano destrói o mundo, conseqüentemente está destruindo a si próprio. Se este humano fere a outro ser humano, ele fere a Deus, ao universo e, de novo, a si próprio. É como um círculo ou melhor, na perspectiva de Hildegard, um ovo, onde o que o ser humano gera para o outro e para a criação, gera para si mesmo. É como afirma o dito popular, “quem planta, colhe”.

Hildegard concede grande ênfase às virtudes, pois entendia que só elas poderiam conferir a salvação à raça humana. Essas virtudes eram apenas duas, ambas advindas da Regra beneditina: a pobreza de espírito e a humildade. A monja traz também outras virtudes à tona, mas especialmente essas duas são as essenciais. Assim, a abadessa de Bingen prega sobre essas virtudes, mas nem sempre as pratica, como o exemplo de seus mosteiros onde só haviam mulheres nobres que podiam usar joias em certos momentos.

Von Bingen foi uma grande crítica do clero no século XII. Ela entendia que a Igreja não estava cumprindo o verdadeiro papel ao qual foi designada. Compreendia que o clero estava sucumbindo aos poderes terrenos, da carne, que eram heranças do diabo, e, por isso, foi contra as influências e o envolvimento do clero no Estado, embora houvesse vários bispos que eram senhores feudais. Da mesma forma, a monja criticava o Estado e provavelmente aproveitava as visões para constranger os líderes estatais e religiosos. Percebe-se, já na primeira visão, sua crítica ao poder clerical e à nobreza, quando ela relata que as pessoas esquecem o temor do Senhor. A monja entendia que esses líderes poderosos procuravam o poder para dominar a criação e dessa forma se igualar a Deus. Eles acabavam se deleitando com os pecados do orgulho, avareza, luxúria, etc., que conseqüentemente os levariam ao inferno.

Outro ponto relevante que merece destaque é a visão da monja sobre a queda do ser humano. Seu entendimento se opõe ao pensamento da teologia tradicional – que seria aquela elaborada pelos homens ou a que todos e todas

---

<sup>249</sup> *Hildegard detects in the human a condensed image of the entire creation, a small facsimile of the world. As she notes: “the human contains in itself the likeness of heaven and earth”.* MARDER, Michael. **Saint Hildegard’s Vegetal Psycho-Physio-Theology**. San Sebastian, Spain: Religions, 353 ed., v. 9, n. 11, 13 nov. 2018. p. 9. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/9/11/353/htm>. Acesso em: 10 jun. 2021.



conhecemos –, pois, enquanto a interpretação masculina traz Eva como a principal transgressora, ou a portadora do mal, ou a que levou Adão a pecar, Hildegard afirma que a culpa, na verdade, é apenas do diabo<sup>250</sup>. Desta forma, a abadessa de Bingen de certa forma afasta a responsabilidade de Eva – e por conseguinte, da mulher – e põe no verdadeiro transgressor, o qual, de fato, instalou o mal no mundo: o diabo. Acredito que essa interpretação da beneditina é lúcida, sábia e mais humana do que a versão que a teologia tradicional apresenta. Porém, nem por isso podemos ver em Hildegard uma figura feminista medieval, pois em outros escritos ela traz Maria como o maior exemplo de mulher, enquanto Eva seria um aviso de como não ser: frágil, pecadora, manipulável, inocente e transgressora. Esse tipo de contradição é bem visível em outros pontos do pensamento hildegardiano.

Sua concepção sobre o corpo e a alma permite uma reflexão importante de como o ser humano pode resistir ao pecado. A monja afirma que, do pecado original – aquele cometido por Adão e Eva – não podemos escapar, mas podemos blindar nosso tabernáculo para que outros pecados não o penetrem. Outro ponto importante nesta visão é que ela narra a alma como sendo uma mulher, no caso, é a história de uma peregrina, o que nos leva a pensar que a monja poderia se referir à sua própria peregrinação interna ou aos questionamentos quanto à sua própria existência e à luta contra os pecados da sua própria carne. Mas, segundo Poll, a história que Hildegard conta após a descrição da visão é na verdade um mito cristão que exerce uma função pedagógica,

a mitologia cristã ajudava a conservar e a transmitir valores sociais e morais, bem como a propor explicações de fenômenos humanos ou naturais considerados importantes para aquela sociedade.<sup>251</sup>

Isto não descaracteriza o aspecto profético desta visão. Pelo contrário, ajuda as pessoas a apreenderem melhor a doutrina de redenção que ela propõe. Pois o ser humano (a peregrina) se afastou do caminho de Deus e por isso se tornou uma alma sem tabernáculo que vaga perdida procurando o perdão. A partir disto, a monja explana sobre os pecados aos quais o corpo é falível e afirma que a virtude da humildade é o que pode combater o mal e manter o corpo no caminho da retidão.

Podemos calcular que as duas últimas visões a respeito da Sinagoga e os coros dos anjos são uma crítica aos judeus (a quem Hildegard buscava converter) e

---

<sup>250</sup> SCIVIAS, 2015, p. 115.

<sup>251</sup> POLL, 2009, p. 94.

às pessoas que censuravam o procedimento com o qual ela organizava seus mosteiros. Os judeus não acreditavam na profecia da abadessa, bem como ignoravam o profeta dos profetas, Jesus Cristo. Por este motivo, ela concebe a Sinagoga como algo ultrapassado, como se esta não tivesse utilidade depois da ressurreição do Filho de Deus e fosse, inclusive, pecadora, por ignorar a Igreja. Mas, como já mencionei anteriormente, esse é um pensamento antiquado que não cabe ser discutido hoje. Às pessoas que criticaram Hildegard por apenas aceitar mulheres nobres em seus mosteiros e além disso permitir que suas freiras usassem joias – indo contra a Regra beneditina –, a monja respondeu que até os anjos têm hierarquia, fazendo jus ao que ela acreditava de fato. Curiosamente, é desta hierarquia que Hildegard trata na última visão.

Embora não tenha reformado a Igreja do século XII, nem tenha sido uma figura revolucionária, ela luta contra as falhas dos clérigos e do Estado, alertando que estes não estão sobre a terra para acumular riquezas, mas para propagar o Evangelho e falar sobre as bem-aventuranças do Senhor, temer a Deus e permitir que cada ser humano seja digno de vida plena. Embora seja ultrapassada em vários pontos, a perspectiva hildegardiana é transparente e concebe o ser humano integrado ao cosmos. É mais favorável às mulheres e nesse sentido mais humana quando se reconhece que mesmo a carne sendo falível e pecadora, o Reino de Deus eternamente espera aquele e aquela que se arrependem de todos os pecados de coração.

Algo que podemos concluir é que o *Scivias* é a primeira e talvez a mais importante obra que Hildegard von Bingen escreveu. Primeiro porque este livro deu abertura à notoriedade da monja em um momento histórico essencialmente masculino. Segundo, é uma obra teológica completa – uma suma teológica – que trata sobre doutrina, existência de Deus, códigos de conduta e abrange toda a existência humana e cosmológica dentro de uma visão religiosa: criação, redenção e salvação. E terceiro porque este livro carece ser lido memorando todas as obras da autora, pois elas se relacionam entre si, visto que a teologia que a abadessa de Bingen apresenta é cosmológica.

A origem do pensamento hildegardiano podemos encontrar primeiramente na fé beneditina e, depois, na corrente agostiniana neoplatônica. A fé beneditina a faz se recordar o tempo todo das virtudes – pobreza de espírito e humildade – que deveriam ser o fio condutor de todo ser humano para uma vida plena na terra. Já a

corrente agostiniana neoplatônica traz todo o caráter contemplativo das visões da monja, uma vez que ela buscou a verdade através do autoconhecimento, ou seja, na mística; e entendeu que ela estava no universo bem como o universo estava nela, daí vem a essência de sua teologia.

A primeira edição do *Scivias* foi impressa em 1513 por Jacques Lefèvre d'Étaples, mas posteriormente a Reforma contribuiu para distorcer a imagem da monja e invisibilizar seus escritos por séculos.

Andreas Osiander alegou que Hildegard era protestante em 1527, por causa de suas profecias contra o clero negligente, e no devido tempo, uma “era mais viril”, que havia também profetizado, ventilou a própria misoginia ao negar-lhe completamente a dignidade da autoria, atribuindo duas obras a Volmar ou a algum outro pseudônimo masculino.<sup>252</sup>

Somente no século XX, houve a redescoberta destas obras e com isso a desconstrução daquela imagem de que a mulher da Idade Média não escrevia, bem como a imagem falsificada que se construiu a respeito da figura de Hildegard von Bingen. Como afirma Newman, Hildegard passará constantemente por distorções, pois do mesmo modo que a Reforma a traduziu conforme o nível crítico de consciência da época, o século XXI também recria a monja como sendo “feminista, liberalista, a ‘mística centrada-na-criação’, a profissional de saúde holística, a profetisa da justiça ecológica”<sup>253</sup>.

Hoje em dia, compreendemos que Hildegard foi uma mulher à frente de seu tempo em várias ocasiões. Contudo, não é possível encaixá-la num modelo feminista, mesmo que ela tenha contribuído para a imagem e saúde da mulher, tenha lutado por voz, por individualidade no século XII. O que podemos afirmar é que sua determinação, visão estratégica, força de caráter, verdade e exemplo de vida servem de inspiração até hoje, pois “Hildegard ensina que uma vida virtuosa é a criação conjunta de Deus e da humanidade”<sup>254</sup>.

---

<sup>252</sup> NEWMAN, 2015, p. 88.

<sup>253</sup> NEWMAN, 2015, p. 89.

<sup>254</sup> NEWMAN, 2015, p. 89.

## REFERÊNCIAS

BAIRD, Joseph L.; EHRMAN, Radd K. **The Letters of Hilderad of Bingen**. New York: Oxford University Press, v. 1, 1994.

BAIRD, Joseph L.; EHRMAN, Radd K. **The Letters of Hilderad of Bingen**. New York: Oxford University Press, v. 2, 1998.

BERNAL, Edith González. **Místicas medievales: el rostro femenino de la teología**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, Facultad de Teología, 2017.

BÍBLIA de Estudo **NTLH**. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BINGEN, Santa Hildegarda de. **Liber divinorum operum**: libro de las obras divinas. Traducción: Rafael Renado, Madrid: Hildegardiana, 2013.

BINGEN, Santa Hildegarda de. **Liber vitae meritorum**: libro de los méritos de la vida. Traducción: Rafael Renado, Madrid: Hildegardiana, 2014.

BINGEN, Santa Hildegarda de. **Libro de las causas y remedios de las enfermedades**. Traducción: José María Puyol y Pablo Kurt Rettschlag. Madrid: Hildegardiana, 2013.

BINGEN, Hildegard von. **Lieder**. Übersetzung: Immaculada M. Ritscher und Joseph Schmidt-Görg, Salzburg: Pudentiana Barth, 1969.

BINGEN, Hildegard von. **Scivias**: (Scito vias Domini): conhece os caminhos do senhor. Tradução: Paulo Ferreira Valério, São Paulo: Paulus, 2015.

BINGEN, Hildegard von. **Wisse die wege**: *Scivias*. Übersetzung: Maura Böckeler. Salzburg: Otto Müller, 1954.

BLASI, Márcia; SCHAPER, Valério Guilherme. **Saúde e religião em perspectiva de gênero**: reflexões a partir de Hildegard von Bingen e Katharina von Bora. Goiânia, GO: Caminhos, v. 18, n. 2, p. 396-414, 2020.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, v. 2, 2008.

CIGONHA, Ramon Fernandez de la. **Visão da vida de Hildegarda de Bingen filme completo legendado**. 2017 (1h 50m 42s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=2EH79p\\_YL6Q](https://www.youtube.com/watch?v=2EH79p_YL6Q). Acesso em: 12 mar. 2020.

CIRLOT, Victoria. Hildegard de Bingen: uma “artista” mística e profética. In: **O feminino e o mistério**: a contribuição das mulheres para a mística. São Leopoldo: Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, 385 ed., p. 43-45. 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao385.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Mulheres intelectuais na Idade Média:** Hildegarda de Bingen – entre a medicina, a filosofia e a mística. p. 187-208, Marília, SP: Trans/Form/Ação, v. 35, 2012.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. **Perspectivas bíblicas da mulher e monaquismo medieval feminino.** Porto: Revista da Faculdade de Letras, 1995. Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5640>. Acesso em: 20 abr. 2020.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. **Quando os monges eram uma civilização... beneditinos:** espírito, alma e corpo. Porto: Edições Afrontamento, 2011.

DREHER, Martin N. **História do povo de Jesus:** uma leitura latino-americana. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2013.

DRUMMONDT, Albert. **As constituintes da moral medieval católica:** como os vícios humanos se tornaram os sete pecados capitais. Rio de Janeiro: Revista Mundo Antigo-Ano III, v. 3, n 05, 2014. p. 58. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/340939543\\_As\\_constituientes\\_da\\_moral\\_mediaval\\_catolica\\_como\\_os\\_vicios\\_humanos\\_se\\_tornaram\\_os\\_sete\\_pecados\\_capitais](https://www.researchgate.net/publication/340939543_As_constituientes_da_moral_mediaval_catolica_como_os_vicios_humanos_se_tornaram_os_sete_pecados_capitais). Acesso em: 02 jun. 2021.

DUBY, Georges. **O Ano mil.** Lisboa: Edições 70, 1986.

DUBY, Georges. **Senhores e camponeses.** São Paulo, SP: Martins Fonte, 1990.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente.** Porto: Afrontamento, São Paulo, SP: EBRADIL, 1993.

EGGERT, Edla; PINHEIRO, Mirtes Emília. Hildegarda de Bingen: as autorias que anunciam possibilidades. In: PACHECO, Juliana (Org.). **Filósofas:** a presença das mulheres na filosofia. Porto Alegre, RS: Fi, p. 84-103, 2016.

ELIZONDO, Felisa. Hildegard e Hadewijch: mística da luz viva, mística do amor. In: **O feminino e o mistério:** a contribuição das mulheres para a mística. São Leopoldo: Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, 385 ed., p. 46-49, 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao385.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

FERREIRA, Franklin. **A igreja cristã na história:** das origens aos dias atuais. São Paulo: Vida Nova, 2013.

FEUDALISMO. **Significados.** Fev. 2021. Disponível em: <https://www.significados.com.br/feudalismo/>. Acesso em 05 jul. 2021.

GEBARA, Ivone. **Mulheres, religião e poder:** ensaios feministas. São Paulo: Terceira Via, 2017.

GERMINA. **Uma filósofa por mês:** Hildegard de Bingen. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em:

<https://germinablog.files.wordpress.com/2020/06/as-obras-de-hildegarda-de-bingen.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2020.

GERMINA. **Uma filósofa por mês**: página principal. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2020. Disponível em:

<https://germinablog.wordpress.com/grupo-de-pesquisa-ensino-e-extensao-uma-filosofa-por-mes/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

GILSON, Etienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GONZÁLEZ, Justo L. **Uma história ilustrada do cristianismo**. São Paulo: Vida Nova, v. 4, 1993.

HÄGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. 7. ed., Porto Alegre, RS: Concórdia, 2003.

HOZESKI, Bruce W. **Hildegard's healing plants**: from the medieval classic *Physica*. Boston: Bacon Press, 2001.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. 4 ed., Coyoacán, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida**: a usura na Idade Média. 2 ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

LE GOFF, Jacques. **Em busca da Idade Média**. 3. ed., Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2008.

LE GOFF, Jacques. **O apogeu da cidade medieval**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2008.

MARDER, Michael. **Saint Hildegard's Vegetal Psycho-Physio-Theology**. San Sebastian, Spain: Religions, 353 ed., v. 9, n. 11, 13 nov. 2018. p. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2077-1444/9/11/353/htm>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a filosofia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

NASCIMENTO, Carlos Arthur Ribeiro do. **O que é filosofia medieval**. Coleção primeiros passos. Rio de Janeiro, RJ: Brasiliense, 1992.

NEWMAN, Bárbara J. Introdução. *In*: BINGEN, Hildegarda de. **Scivias**: Scito vias Domini: conhece os caminhos do Senhor. Tradução: Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulus, 2015.

NEWMAN, Barbara. **Hildegard von Bingen**: schwester der Weisheit. Freiburg: Herder, 1995.

NICHOLS, John A.; SHANK, Lillian Thomas. **Medieval religious women**. Michigan: Cistercian Publications, v. 1, 1984.

NICHOLS, John A.; SHANK, Lillian Thomas. **Medieval religious women**. Michigan: Cistercian Publications, v. 2, 1984.

PALAZZO, Carmen Lícia. **Hildegard de Bingen**: o excepcional percurso de uma visionária medieval. *Mirabilia: Electronic Journal of Antiquity, Middle & Modern Ages*, n. 2, 2002. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2226907>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PAPA, Bento XVI. **Carta Apostólica**: Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento, é proclamada Doutora da Igreja universal. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2012. Disponível em: [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20121007\\_ildegarda-bingen.pdf](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.pdf). Acesso em 22 abr. 2020.

PERNOUD, Régine. **Hildegard de Bingen**: a consciência inspirada do século XII. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

PERNOUD, Régine. **Idade Média**: o que não nos ensinaram. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Tradução: António Manuel de Almeida Gonçalves, Lisboa: Publicações Europa-América, 1997.

PINHEIRO, Mirtes Emilia. **Hildegarda de Bingen**: Luz Iluminada pela Inspiração Divina. João Pessoa, PB: Revista Graphos, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/16319/9348>. Acesso em: 20 nov. 2020.

POLL, Maria Carmem Gomes Martiniano de Oliveira van de. **A espiritualidade de Hildegard von Bingen**: profecia e ortodoxia. São Paulo: Tese de doutorado em História/USP, 2009.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos, o tempo**: ensaios de antropologia medieval. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SULLEROT, Evelyne. **História e sociologia da mulher no trabalho**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1970.

TEIXEIRA, Faustino. Mística: experiência que integra anima (feminilidade) e animus (masculinidade). *In: O feminino e o mistério*: a contribuição das mulheres para a mística. São Leopoldo, RS: Revista do Instituto Humanitas da Unisinos, 385 ed., p. 12-17, 2011. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao385.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

TILLICH, Paul. **Teologia sistemática**: três volumes em um. 5. ed, Tradução: Getulio Bertelli, Geraldo Korndorfer, São Leopoldo, RS: Sinodal, 2005.

TROCH, Lieve. **Mística feminina na Idade Média**: Historiografia feminista e descolonização das paisagens medievais. João Pessoa, PB: Revista Graphos, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/graphos/article/view/16324>. Acesso em: 20 fev. 2021.